

CENTRO DE TREINAMENTO EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL
IV CURSO DE PLANEJAMENTO DE RECURSOS HUMANOS

Relatório Preliminar da Pesquisa
"Emprego e Renda na Região Metropolitana de Fortaleza"

CETREDE/CNRM
julho de 1978

Í N D I C E

1. Características demográficas	1
2. Formação da renda familiar	8
3. Atividade das pessoas da família	16
4. População Ocupada	31
5. A renda do Trabalho	47
6. A situação dos subremunerados	57
7. Escolaridade	66
8. Acesso a bens e serviços	85
8.1. Infra-estruturas domiciliares	85
8.2. Informações sobre habitação	91
8.3. Previdência Social	99
8.4. Alguns programas de Política Social	103

APRESENTAÇÃO

A pesquisa sobre "Emprego e Renda na Região Metropolitana de Fortaleza" foi realizada durante o III Curso de Planejamento de Recursos Humanos, em 1977.

Resultados preliminares já foram apresentados nos trabalhos de final de Curso pelos alunos do ano passado. No entanto, as informações obtidas a partir da pesquisa permitem que sejam utilizadas de uma forma ainda mais ampla e variada do que aquela feita pelos alunos do CETREDE e esta apresentada nesse relatório.

A bem da verdade, o objetivo desse relatório preliminar, eminentemente descritivo, é o de mostrar a quantidade de informações fornecidas pela pesquisa, e servir de passo inicial para uma análise mais de tipo qualitativo a partir de estratos, em número de cinco, que dividem as famílias em mais pobres e mais ricas.

Esse relatório, após uma nova análise e interpretação dos dados, deverá ser a 2a. Parte do trabalho completo sobre a pesquisa feita durante o ano de 1977. A 1a. Parte exporá os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada para o levantamento dos dados e uma explicação mais minuciosa justificando o agrupamento das famílias em estratos. E a 3a. Parte apresentaria as conclusões mais importantes, ao mesmo tempo que procuraria sugerir a necessidade de se responder mais detalhadamente sobre certos aspectos que não ficaram suficientemente claros, especialmente no que se refere ao esquema de sobrevivência das famílias pobres.

Foi utilizada a seguinte metodologia para se chegar aos cinco estratos, que serão sempre o ponto de referência para a análise descritiva dos dados: dividiu-se a renda familiar pelo número de pessoas da família. A renda per capita correspondente a cada estrato é a seguinte:

- 1º Estrato: até um quarto do salário mínimo regional; isto é, uma renda até Cr\$ 196,50;
- 2º Estrato: mais de um quarto a meio salário mínimo regional; isto é, de Cr\$ 197,00 a Cr\$ 393,00 ;
- 3º Estrato: mais de meio a um salário mínimo regional; isto é, de Cr\$ 394,00 a Cr\$ 786,00;
- 4º Estrato: mais de um a quatro salários mínimos regionais; isto é, de Cr\$ 787,00 a Cr\$ 3 144,00 ;
- 5º Estrato: mais de quatro salários mínimos regionais.

Esta divisão de estratos, significando um indicador-resumo da renda familiar e do número de pessoas da família, tem a vantagem de permitir o agrupamento de famílias comparáveis, além de apresentar mais claramente contrastes entre os estratos ricos e pobres.

A nova pesquisa a ser desenvolvida durante o IV Curso de Planejamento de Recursos Humanos procurará aprofundar determinadas características do 1º e 2º Estratos. O objetivo maior relaciona-se com o estudo da estratégia de sobrevivência desses grupos familiares.

Portanto, mesmo que a análise dos dados seja aqui apenas descritiva, espera-se que eles sugiram novas hipóteses e permitam um aprofundamento do estudo sobre a pobreza e necessidades básicas desse grupo bastante numeroso.

Brasília, 17 de agosto de 1978.

1. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

A presente pesquisa, realizada na Região Metropolitana de Fortaleza, abrangeu 520 famílias e um total de 2.741 pessoas.

Como se esclareceu anteriormente, aos dois estratos extremos corresponde praticamente o mesmo número de famílias: 9,4% e 9,2%, respectivamente, ao estrato mais pobre e ao mais rico. Há uma diferença bastante significativa, no entanto, na média de pessoas por família. Assim, no 1º estrato a média de pessoas é de 6,8; no 5º estrato é de 4,2 pessoas.

A média de pessoas por família, conforme a Tabela 1, varia de acordo com os estratos. Isto é, na medida em que passamos do estrato mais pobre ao mais rico, diminui o número médio de pessoas por família. Isso permite concluir, mesmo a priori, que nos estratos mais baixos existe uma maior sobrecarga de pessoas sobre o orçamento familiar, e que o tamanho da família pode ser um obstáculo bastante vigoroso para um maior bem-estar. Os limites da qualidade de vida, assim, poderiam ser decretados pelo tamanho do núcleo familiar, entre outras variáveis.

Não é nosso objetivo aprofundar as características demográficas das famílias estudadas. Chamamos atenção, todavia, para a estrutura etária da população investigada.

Segundo a Tabela 2, a distribuição das pessoas por idade reflete algumas características muito típicas de uma população e região pobres. Em primeiro lugar, embora o dado não seja específico, a tabela estaria revelando a influência das altas taxas de fecundidade do Nordeste na juventude de sua população. Aproximadamen

Tabela 1

Número de famílias, o número de pessoas e a média de pessoas por família segundo os estratos

ESTRATOS	Número de Famílias		Número de Pessoas		Média de pessoas por Família
	Nº	%	Nº	%	
1º Estrato	49	9,4	334	12,2	6,8
2º Estrato	114	21,9	692	25,2	6,1
3º Estrato	134	25,8	682	24,9	5,1
4º Estrato	175	33,7	833	30,4	4,8
5º Estrato	48	9,2	200	7,3	4,2
TOTAL GERAL	520	100,0	2 741	100,0	5,3

te 39% da população está no grupo de 0-14 anos, considerada a faixa etária dependente.

Deve-se chamar atenção para o fato de que o grupo dependente é significativamente maior nos estratos mais baixos. Enquanto no 1º estrato 56,8 % da população tinha de 0-14 anos, no 5º estrato, o mais rico, apenas 21% estava nesta faixa etária.

Em segundo lugar, a tabela igualmente revela a existência de um contingente maior de pessoas no grupo etário de 15-64 anos, considerado, para efeitos desse estudo, a população em idade de trabalhar.

Sobressaem, novamente, as profundas diferenças entre os estratos. Assim, nos estratos mais pobres esse contingente populacional é menor, ao contrário dos superiores. Do 1º estrato ao 5º estrato teríamos, respectivamente, os seguintes percentuais de pessoas consideradas em idade apta para o trabalho: 42,3%; 49,6%; 58,2%; 65,7%; 75,5%.

Em outras palavras, isso significaria a possibilidade de um maior número de pessoas no mercado de trabalho e, por isso mesmo, de um rendimento familiar maior, o que explicaria a renda média mais elevada destes estratos.

Em terceiro lugar, a diferente composição etária poderia ter sua explicação na migração. Normalmente ela tem reforçado a carga de dependência, pelo fato de operar seletivamente sobre as idades consideradas produtivas. Dessa forma, a migração poderia se constituir numa alternativa para os estratos mais pobres da população. Nossos dados, no entanto, não suportam tais conclusões, uma vez

Tabela 2

Distribuição das Pessoas segundo a
idade por estratos

	TOTAL		Idade das Pessoas (ANO)				
	Nº	%	0-6	7-14	15-25	26-64	65 e +
1º Estrato	334	100,0	28,4	28,4	15,9	26,4	0,9
2º Estrato	692	100,0	20,7	27,0	21,0	28,6	2,7
3º Estrato	682	100,0	16,7	19,8	23,6	34,6	5,3
4º Estrato	833	100,0	13,2	15,7	29,3	36,4	5,4
5º Estrato	200	100,0	9,0	12,0	28,0	47,5	3,5
TOTAL GERAL	2 741	100,0	17,5	20,9	24,0	33,6	4,0

que os objetivos da presente pesquisa eram mais limitados.

A Tabela 2, de qualquer modo, estaria indicando não só diferenciais de oportunidades no mercado de trabalho entre os diversos estratos, como uma maior carga de dependência de pessoas em idade ainda não produtiva nos estratos mais pobres.

Analisando um pouco mais detidamente o grupo etário de 15-64 anos, sobressai, em todos os estratos, a maior presença da mulher; como podemos ver na Tabela 3.

O fato de existirem mais mulheres na amostra parece ser algo lógico, porque a Região Metropolitana de Fortaleza é uma região de emigração. Esta observação poderia ser bem específica para o grupo etário de 15-25 anos, onde se percebe que quanto mais pobre o estrato, maior o peso relativo das mulheres, sendo apenas exceção o 4º estrato. É a seguinte a relação mulheres/homens entre 15-25 anos de idade:

1º) 1,65

2º) 1,10

3º) 1,07

4º) 1,28

5º) 0,87

Em relação a estes dados caberia a seguinte pergunta e observação: trata-se do fenômeno da emigração dos homens jovens, que vão à procura de outros mercados de trabalho, na medida em que o da RMF não estaria em condições de absorvê-los adequadamente?

Em todo o caso, a maior presença da mulher nos diversos estratos não significa sua maior incorporação na força de tra-

Tabela 3

Distribuição das Pessoas de 15-64 anos
de idade segundo o sexo e por estratos

ESTRATOS	Pessoas de 15-64 Anos			Pessoas de 15-25 Anos			Pessoas de 26-64 Anos		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
	Nº	%	%	Nº	%	%	Nº	%	%
1º Estrato	141	44,7	55,3	53	37,7	62,3	88	48,9	51,1
2º Estrato	343	46,1	53,9	145	47,6	52,4	198	44,9	55,1
3º Estrato	397	47,1	52,9	161	48,4	51,6	236	46,2	53,8
4º Estrato	547	43,1	56,9	244	43,9	56,1	303	42,6	57,4
5º Estrato	151	49,7	50,3	56	53,6	46,4	95	47,4	52,6
TOTAL GERAL	1 579	45,5	54,5	659	46,1	53,9	920	45,1	54,9

balho, como poderemos ver mais adiante. Mas pode significar, eventualmente, a possibilidade de taxas mais elevadas de fecundidade e a sua predominância em empregos no mercado informal, precisamente para elevar um pouco os rendimentos familiares baixos.

As pessoas idosas, como se pode ver na Tabela 2, formam um grupo bastante reduzido: 4% sobre o total geral. Nos dois estratos mais baixos as pessoas de 65 anos e mais são um grupo reduziíssimo, enquanto nos demais estratos elevam-se um pouco os percentuais.

Esses dados servem para uma configuração inicial das famílias objeto deste estudo, e que procuram apresentar diferenciais entre a variável demográfica e as outras variáveis segundo os diversos estratos. O tamanho da família, variável independente neste estudo juntamente com a renda familiar, coloca limites de participação em todos os sentidos, condicionando o nível de vida das famílias.

2. Formação da Renda Familiar

Antes de estudarmos a origem dos diversos ganhos para a formação da renda familiar, observemos algumas médias individuais e familiares de renda e a participação de cada estrato no total dos ganhos familiares.

Como se esclareceu anteriormente, os cinco estratos correspondem, na verdade, a uma divisão da renda familiar pelo número de pessoas da família. Assim, estão no 1º estrato as famílias cuja renda per capita alcança um quarto do salário mínimo regional, isto é, a Cr\$ 196,50; no 2º estrato estão as famílias cuja renda per capita vai de mais de um quarto a meio salário mínimo regional, isto é, de Cr\$ 197,00 a Cr\$ 393,00; no 3º estrato, a renda per capita vai de mais de meio a um salário mínimo regional, isto é, de Cr\$ 394,00 a Cr\$ 786,00; no 4º estrato, a renda per capita vai de mais de um a quatro salários mínimos regionais, isto é, de Cr\$ 787,00 a Cr\$ 3.144,00; no 5º estrato estão as famílias cuja renda per capita vai de mais de quatro salários mínimos até Cr\$ 53.200,00,00, que é a maior renda familiar.

Pela Tabela 4 pode-se ter uma idéia da concentração da renda no âmbito das famílias, através do rendimento médio e a participação no total da renda familiar. O rendimento médio mensal por família na Região Metropolitana de Fortaleza é de Cr\$ 5 445,00, e por pessoa de Cr\$ 1 033,00; isto é, o rendimento disponível para o consumo mensal da unidade familiar e por pessoa dentro da unidade familiar.

Analisando este problema ao nível dos estratos, percebe-se

Tabela 4

Renda Per Capita, Renda Média Familiar e Participação
no Total da Renda Familiar segundo os estratos

ESTRATOS	Renda Per Capita (Cr\$ 1,00)	Renda Média familiar(Cr\$ 1,00)	Participação dos estratos no total da renda familiar
1º Estrato	137	934	1,6%
2º Estrato	289	1 757	7,1
3º Estrato	559	2 845	13,5
4º Estrato	1 492	7 104	43,9
5º Estrato	4 804	20 017	33,9
TOTAL GERAL	1 033	5 445	100,0
ÍNDICE DE GINI	0,506	0,446	

a profunda distorção existente entre eles. No 1º estrato a renda média familiar é de Cr\$ 943,00, enquanto o disponível por pessoa é de Cr\$.. 137,00. Isso significa dizer que as 334 pessoas desse estrato tinham disponível para o seu consumo mensal a quantia de Cr\$ 137,00.

No 2º estrato temos 114 famílias recebendo em média Cr\$ 1 751,00 mensais, tendo disponível para cada uma das 692 pessoas o montante de Cr\$ 289,00.

Para as 134 famílias do 3º estrato há uma renda média de Cr\$ 2 845,00 mensais, e que corresponde a Cr\$ 559,00 por pessoa.

O 4º e o 5º estratos detêm a melhor situação em termos de disponibilidade monetária mensal. No 4º estrato, por exemplo, há praticamente dois salários mínimos disponíveis para cada uma das 833 pessoas desse estrato, enquanto o rendimento familiar quase chega a sete salários mínimos para as 175 famílias. No 5º estrato, cada uma das pessoas têm praticamente 6,5 salários mínimos à sua disposição, enquanto as famílias têm 25,5 salários mínimos regionais.

Estes dados mostram que é muito diferente a perspectiva do rendimento individual e familiar. É difícil imaginar, por exemplo, como uma família que ganha pouco mais de um salário mínimo consegue sobreviver. No caso do 1º estrato, há uma média de 6,8 pessoas para Cr\$ 934,00. Deve-se supor, nesse caso, que tais famílias produzam elas mesmas determinados valores de consumo e de uso, na medida em que seria algo inconcebível viver mensalmente com Cr\$ 137,00 por pessoa.

A concentração dos rendimentos pode ser observada, ainda, através da participação dos estratos no total da renda familiar. A renda total das 520 famílias estudadas é de Cr\$ 2 831 352,00. As famílias do 1º estrato participam em apenas 1,6% dessa renda total. A participa

ção eleva-se gradativamente a partir do 2º estrato.

O 2º estrato (114 famílias) participa de 7,1% da renda total. A maior participação, em termos relativos, é a do 4º estrato, do qual fazem parte 175 famílias: 43,9% da renda. Mas o 5º estrato, sem dúvida alguma, formado por 48 famílias, detém a situação mais privilegiada, já que a elas corresponde 33,9% da renda total, o que lhe confere a maior renda média familiar.

O índice de Gini a partir da renda per capita é de 0,506 e a partir da renda média familiar é de 0,446. Ambos os índices vem confirmar a concentração de renda existente na Região Metropolitana de Fortaleza, beneficiando-se especialmente os dois últimos estratos, como podemos ver na Tabela 4.

A Tabela 5 esclarece a origem da renda familiar; isto é, quais os diversos tipos de ganhos que formam a renda familiar dos diversos estratos.

As rendas provenientes do 1º emprego, em todos os estratos, são as mais significativas na formação da renda da família. No total geral, os ganhos proporcionados pelo trabalho considerado principal contribuem com 79,4% do total dos rendimentos familiares. Adicionando-se às rendas do 1º emprego aquelas proporcionadas pelo 2º emprego e pelo trabalho extra, temos que as rendas do trabalho representam 83% do total dos rendimentos da família.

Esses dados mostram que a quase totalidade das pessoas e famílias dependem da renda do trabalho. Assim, a remuneração pelo trabalho significa a principal via de acesso ao consumo de bens, cuja quantidade e qualidade dependem do montante extraído. Fica claro ainda, que qualquer outra complementação, com exceção de pensões e

Tabela 5

Distribuição dos diversos ganhos que formam
a renda familiar segundo os estratos

ESTRATOS	Total da renda Familiar		Rendas do 1º Emprego	Rendas do 2º Emprego	Rendas do Trabalho Extra	Rendas do PIS	Rendas de Aposentadorias e Pensões	Rendas de Aluguel.	Rendas de Parentes e Amigos	Rendas de Esmolas e Similares	Rendas de Outras Fontes
	Cr\$ 1,00	%									
1º Estrato	45.758	100,0	80,9	0,3	-	-	13,4	-	1,7	1,4	2,3
2º Estrato	200.310	100,0	80,3	1,9	0,5	0,8	10,1	1,4	3,7	0,6	0,8
3º Estrato	381.259	100,0	76,0	2,5	0,9	1,0	13,0	1,0	3,7	0,1	1,8
4º Estrato	1.243.202	100,0	77,0	2,9	0,8	0,6	11,6	3,2	2,9	0,1	0,9
5º Estrato	960.823	100,0	83,7	3,1	0,9	0,1	6,0	2,3	0,5	-	2,9
TOTAL GERAL	2.831.352	100,0	79,4	2,8	0,8	0,5	9,8	2,4	2,4	0,1	1,7

aposentadorias, significa muito pouco para o orçamento doméstico, para não dizer apenas paliativo.

As aposentadorias e pensões significam, normalmente, complementações adquiridas pela saída do mercado de trabalho, seja por ter alcançado a idade limite, seja por incapacidade física, ou outro motivo qualquer. De todo modo, tal complementação foi adquirida via mercado de trabalho, razão pela qual constituem rendimentos significativos (poderíamos eventualmente incluir ainda as rendas do PIS).

As demais rendas pouco significam e pouco pesam na formação da renda familiar, embora sempre se possa dizer que para os estratos mais pobres, qualquer que seja a renda, ela não só é bem vinda como permite a satisfação de um desejo ou necessidade mais imediata. Em outras palavras, é sempre um quebra-galho importante e oportuno.

Não se verificam grandes e significativas mudanças na formação da renda familiar entre os diversos estratos. A Tabela 5 apresenta, assim, as principais rendas que poderiam compor um orçamento doméstico, embora não contabilize valores de consumo e de uso doméstico produzidos pela própria família. Não se sabe, pois, quanto eles representam em termos monetários, podendo-se afirmar, com relativa segurança, que são bem maiores e mais significativos nos estratos mais pobres, que encontram nesse estratégia um modo de compensar seus baixos rendimentos.

Pela Tabela 6 podemos aprofundar um pouco mais o aspecto relativo ao peso da renda do trabalho na formação da renda familiar. A incidência da renda do trabalho, como podemos observar, em mais de dois terços das famílias, é maior do que 75% da renda familiar. Em ou

Tabela 6

Incidência das Rendas do Trabalho na formação
da Renda Familiar segundo os estratos

ESTRATOS	TOTAL		Rendas do Trabalho		
	Nº	%	Menos de 25% da Ren- da Familiar	Entre 25 e 75% da Renda Familiar	Mais de 75% da Renda Familiar
1º Estrato	49	100,0	14,3	18,4	67,3
2º Estrato	114	100,0	10,5	19,3	70,3
3º Estrato	134	100,0	13,4	19,4	67,2
4º Estrato	175	100,0	10,9	17,7	71,4
5º Estrato	48	100,0	8,3	14,6	77,1
TOTAL GERAL	520	100,0	11,5	18,3	70,2

tras palavras, em 70,2% dos casos, as rendas provenientes do trabalho contribuem com mais de 75% da renda familiar. Em apenas 11,5% dos casos a contribuição das rendas do trabalho são inferiores a 25% da renda familiar.

Observa-se um fato bastante interessante na Tabela 6. Embora as diferenças não sejam muito marcantes e profundas, percebe-se, em linhas gerais, que as rendas do trabalho pesam menos nos estratos mais pobres, e o contrário nos estratos mais ricos.

Os dados procuram associar, à formação do rendimento familiar dos estratos pobres, outras fontes de renda além daquelas provenientes do trabalho. Assim, teriam certo peso as rendas de aposentadorias e pensões; as rendas correspondentes à ajuda de parentes e amigos; as rendas provenientes de esmolas, etc. Estas rendas teriam um peso maior nos estratos mais pobres, ao contrário do que acontece nos ricos, onde as rendas do trabalho teriam maior peso.

Como se vê, certas complementações são importantes, já que a via da remuneração pelo trabalho é mais difícil nos estratos mais pobres, o que poderia significar uma situação mais insatisfatória de inserção no mercado de trabalho por parte desta população.

3. ATIVIDADE DAS PESSOAS NA FAMÍLIA

Procuramos mostrar, nessa parte do trabalho, a atividade das pessoas que fizeram parte da pesquisa.

A Tabela 7 especifica a atividade das pessoas de todas as idades. Das 2.741 pessoas investigadas, 33,4% delas apenas estuda; 11,4% só tem afazeres domésticos; 18,3% apenas trabalha; 6,3% estuda e trabalha; 7,8% tem afazeres domésticos e trabalha; 1,4% estão desocupados; e 21,4% não fazem nada, incluindo-se aí basicamente crianças de 0-14 anos e pessoas de 65 e mais.

Podemos tirar, basicamente, as seguintes conclusões dos dados apresentados na Tabela 7:

- a) nos estratos inferiores é menor o número relativo de pessoas que estuda ou que estuda e trabalha, ao mesmo tempo;
- b) da mesma forma, o número de pessoas ocupadas é maior nos estratos mais altos. Isto é, existem mais pessoas inseridas no mercado de trabalho, considerando aquelas que só trabalham, estudam e trabalham, e que têm afazeres domésticos e trabalham;
- c) isso também significa que nos estratos mais pobres o número de desocupados é maior. Quanto aos que não fazem nada, esta é principalmente uma condição dos menores (0-14 anos) e dos velhos (65 anos e mais). No caso dos estratos mais pobres, pesam nos percentuais apresentados as pessoas de 0-14 anos.

No caso dos menores, a Tabela 8 apresenta a atividade

Tabela 7

Distribuição das pessoas da família
segundo a atividade e estratos

ESTRATOS	TOTAL		Atividade das Pessoas (todas as idades)						
			Só estudam	Só têm Afazeres domésticos	Só trabalham	Estudam e Trabalham	Têm afazeres domésticos e trabalham	Estão desocupados	Não fazem nada
	Nº	%							
1º Estrato	334	100,0	28,1	8,7	15,0	2,1	6,9	3,3	35,9
2º Estrato	692	100,0	36,1	10,8	17,5	4,4	6,6	1,2	23,4
3º Estrato	682	100,0	33,4	12,2	17,7	6,0	7,6	1,5	21,6
4º Estrato	833	100,0	33,8	12,4	20,3	7,3	9,0	1,0	16,2
5º Estrato	200	100,0	31,0	11,5	20,0	16,5	9,0	0,5	11,5
TOTAL GERAL	2 741	100,0	33,4	11,4	18,3	6,3	7,8	1,4	21,4

por eles desempenhadas: estudam ou não estudam. Não se especificou outra atividade na Tabela, como trabalham ou estudam e trabalham, pelo reduzidíssimo número deles (são 22 ao todo). Assim se distribuem os menores por estratos:

<u>estratos</u>	<u>só trabalham</u>	<u>estudam e trabalham</u>	<u>total</u>
1º estrato	2	5	7
2º estrato	7	2	9
3º estrato	4	-	4
4º estrato	1	1	2
5º estrato	-	-	-
Total	<u>14</u>	<u>8</u>	<u>22</u>

Voltando à Tabela 8, podemos formular as seguintes observações gerais, levando em conta apenas se os menores estudam ou não estudam:

- a) mais da metade dos menores de 0-14 anos estudam. Observa-se um percentual de 21,6% entre os menores de 0-6 anos, e 89% entre os de 7-14 anos;
- b) o número de pessoas que estudam é sempre maior nos estratos mais altos, não sendo difícil arrolar a justificativa de que existem aí condições mais favoráveis para mandar as crianças à escola, sejam elas monetárias, culturais e que envolvem todo o ambiente de vida destas famílias;
- c) de um modo geral, a taxa de escolarização é alta em todos os estratos, considerando particularmente as pessoas de 7-14 anos. Com exceção do 1º e do 3º estrato, em

Tabela 8
Distribuição das pessoas de 0-14 anos
segundo a atividade e estratos

ESTRATOS	Pessoas de 0-14 anos			Pessoas de 0-6 anos			Pessoas de 7-14 anos		
	TOTAL	Estudam	Não Estudam	TOTAL	Estudam	Não Estudam	TOTAL	Estudam	Não Estudam
1º Estrato	190 100,0	43,7	56,3	95 100,0	10,5	89,5	95 100,0	76,8	23,2
2º Estrato	330 100,0	59,4	40,6	143 100,0	18,9	81,1	187 100,0	90,4	9,6
3º Estrato	249 100,0	59,4	40,6	114 100,0	25,4	74,6	135 100,0	88,1	11,9
4º Estrato	241 100,0	63,5	36,5	110 100,0	26,4	73,6	131 100,0	94,6	5,4
5º Estrato	42 100,0	78,6	21,4	18 100,0	50,0	50,0	24 100,0	100,0	-
TOTAL GERAL	1 052 100,0	58,3	41,7	480 100,0	21,6	78,4	572 100,0	89,0	11,0

todos os demais a taxa de escolarização ultrapassa os 90%. No 5º estrato encontramos a maior taxa, estando todas as crianças de 7-14 anos estudando.

Tomando apenas as pessoas de 15 anos e mais, algumas das observações feitas a respeito da Tabela 7 ficam sem sentido. Através da Tabela 9, onde se incluem as pessoas idosas (65 anos e mais), o que faz elevar os percentuais na atividade "não fazem nada", ainda observamos que:

- a) o número de pessoas que só estuda é maior nos estratos mais altos;
- b) o número de pessoas só com afazeres domésticos é maior nos estratos mais baixos;
- c) tomando as pessoas ocupadas - só trabalha, estuda e trabalha, e afazeres domésticos e trabalha - existem percentuais mais altos de ocupação nos estratos mais altos. São também significativamente maiores os percentuais de pessoas que estudam e trabalham, o que permite concluir por taxas de escolaridade mais altas nestes estratos;
- d) as taxas de desocupação ainda são maiores nos estratos mais pobres, o que reflete menores oportunidades de emprego para estes estratos.

A Tabela 9 permite introduzir considerações a respeito da PEA - População Economicamente Ativa. Na PEA incluímos as pessoas que 1) só trabalham; 2) estudam e trabalham; 3) tem afazeres domésticos e trabalham; e 4) as pessoas desocupadas.

Tabela 9

Distribuição das pessoas de 15 anos e mais segundo a atividade e estratos

ESTRATOS	TOTAL		Atividade das Pessoas (15 anos e mais)						
	Nº	%	SÓ Estudam	SÓ têm Afazeres domésticos	SÓ Trabalham	Estudam e Trabalham	Têm afazeres domésticos e trabalham	Estão desocupadas	Não fazem nada
1º Estrato	144	100,0	7,6	20,1	34,7	4,9	16,1	7,6	9,0
2º Estrato	362	100,0	14,9	20,7	33,4	8,3	12,7	2,2	7,8
3º Estrato	433	100,0	18,5	19,2	27,9	9,5	12,0	2,3	10,6
4º Estrato	592	100,0	21,8	17,4	28,5	10,3	12,7	1,4	7,9
5º Estrato	158	100,0	18,4	14,6	25,3	20,9	11,4	0,6	8,8
TOTAL GERAL	1.689	100,0	17,9	18,5	29,7	10,2	12,7	2,2	8,8

Na PEA estão incluídas também as pessoas de 65 anos e mais (15 pessoas ao todo na PEA). Quando formos analisar os ocupados, estas 15 pessoas serão excluídas, fazendo-se apenas referência às de 15-64 anos de idade.

A Tabela 10 apresenta alguns dados sintéticos e que servem para uma visão inicial geral de algumas taxas de emprego.

Os dados da tabela permitem formular uma relação direta entre taxas de atividade e de ocupação, e estratos. Ou seja, quanto maior o estrato, maiores também as taxas de atividade e ocupação. Embora entre os adultos a taxa de atividade não varia significativamente, é óbvio que, nos estratos mais pobres, os menores pesam demasiadamente, o que justificaria taxas menores e a formulação da relação acima.

A estrutura de emprego está associada, sem dúvida alguma, à estrutura de produção existente em Fortaleza e na Região Metropolitana. Essa estrutura condiciona o aproveitamento da população a indicadores como qualificação ou semiquificação, principalmente, e que favorece a inclusão no mercado de trabalho daquelas pessoas com maior experiência profissional.

Os dados não sugerem uma menor qualificação ou experiência profissional nos estratos mais baixos. Mas, certamente, não é desprezível este aspecto da estrutura ocupacional que estamos analisando, ainda mais se levarmos em conta que nos estratos mais ricos, muitas pessoas, junto com o trabalho, também estudam.

Mas não vamos atribuir à educação as maiores taxas de emprego nos estratos mais altos. O que se pode afirmar, até com relativa segurança, é que a condição de pertencer aos estratos superiores é dada precisamente pela inclusão maior de pessoas no mercado de traba-

Tabela 10
Informações sobre emprego

ESTRATOS	Nº de Pessoas (A)	Nº de Pessoas na PEA (B)	Nº de Pessoas ocupadas (C)	Taxa de atividade (B/A)	Taxa de Ocupação (C/B)	Taxa de Atividade das pessoas de 15-64 anos
1º Estrato	334	91	80	.27	.88	.63
2º Estrato	692	205	195	.30	.96	.59
3º Estrato	682	224	214	.33	.96	.56
4º Estrato	833	313	305	.38	.97	.55
5º Estrato	200	92	91	.46	.99	.61
TOTAL GERAL	2 741	925	887	.34	.96	.58

lho, o que lhes confere maiores rendimentos.

A taxa de atividade global é de 0.34, o que nos dá uma taxa de dependência de 2,9. Isto é, há 2,9 pessoas dependentes de uma pessoa que trabalha. Essa taxa de dependência é maior nos estratos mais baixos, principalmente porque há um número maior de pessoas por família. Portanto, além de rendimentos menores, esses ainda devem ser distribuídos para um maior número de pessoas, na sua maioria inativas, seja porque se trata de menores ou de pessoas que não encontraram trabalho.

Considerando, porém, e isso apenas para efeito de comparação entre os estratos, a taxa de atividade das pessoas de 15-64 anos de idade, verificamos que nos dois estratos mais pobres mais pessoas são economicamente ativas - o mesmo se diz para o 5º estrato -, do que no 3º e 4º. Isto é, as pessoas em idade economicamente ativa procuram algum meio de trabalhar, seja para compensar as baixas rendas ou mesmo para dotar o domicílio, às vezes numeroso, com maiores meios de consumo.

Quanto à taxa de ocupação, a tabela mostra a existência de um número menor de ocupados nos estratos mais baixos. No 1º estrato verifica-se a menor taxa de ocupação, e no 5º estrato a maior, respectivamente, .88 e .99. Mais tarde procuraremos aprofundar esta questão da ocupação, discutindo o modo de inserção no mercado de trabalho através dos mercados formal e informal.

A Tabela 11 sintetiza diversas taxas de atividade. Incluindo as pessoas de 65 anos e mais, temos um percentual de 55% de pessoas ativas. Ou seja, 55% da população acima de 15 anos faz parte da PEA.

Tabela 11

Diversas Taxas de atividade segundo os estratos

ESTRATOS	TAXA DE ATIVIDADE							
	Das pessoas de 15 anos e mais	Pessoas de 15-25 anos			Pessoas de 26-64 anos			Das pessoas de 65 anos e mais
		TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	
1º Estrato	.63	.58	.70	.52	.67	.81	.53	.33
2º Estrato	.57	.50	.64	.38	.66	.92	.45	.05
3º Estrato	.52	.37	.49	.27	.68	.90	.50	.08
4º Estrato	.53	.42	.50	.36	.66	.91	.49	.22
5º Estrato	.58	.41	.37	.46	.73	.89	.58	—
TOTAL GERAL	.55	.44	.53	.36	.68	.90	.49	.14

FONTE: Tabelas 12 e 13, a seguir

Tabela 12

Diversas taxas de atividade segundo os estratos

ESTRATOS	Pessoas de 15 anos e mais			Pessoas de 15-25 anos								
	TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa de at- vidade B/A	TOTAL			HOMENS			MULHERES		
				TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa Ati- vid. B/A	TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa ativi- dade B/A	TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa de at- vidade B/A
1º Estrato	144	91	.63	53	31	.58	20	14	.70	33	17	.52
2º Estrato	362	205	.57	145	73	.50	69	44	.64	76	29	.38
3º Estrato	433	224	.52	161	60	.37	78	38	.49	83	22	.27
4º Estrato	592	313	.53	244	102	.42	107	53	.50	137	49	.36
5º Estrato	158	92	.58	56	23	.41	30	11	.37	26	12	.46
TOTAL GERAL	1 689	925	.55	659	289	.44	304	160	.53	355	129	.36

Tabela 13

Diversas taxas de atividade segundo os estratos

ESTRATOS	Pessoas de 26-64 anos									Pessoas de 65 anos e +		
	TOTAL			HOMENS			MULHERES			TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa de atividade
	TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa de ati- vidade B/A	TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa de ati- vidade B/A	TOTAL (A)	PEA (B)	Taxa de ati- vidade B/A			
Estrato	88	50	.67	43	35	.81	45	24	.53	3	1	.33
Estrato	198	131	.66	89	82	.92	109	49	.45	19	1	.05
Estrato	236	161	.68	109	98	.90	127	63	.50	36	3	.08
Estrato	303	201	.66	129	117	.91	174	84	.48	45	10	.22
Estrato	95	69	.73	45	40	.89	50	29	.58	7	-	-
TOTAL GERAL	920	621	.68	415	372	.90	505	249	.49	110	15	.14

A taxa de atividade é maior entre as pessoas de 26-64 anos de idade, onde sobressai particularmente a posição dos homens: 90% faz parte da PEA, contra apenas 49% das mulheres. Não ocorrem profundas diferenças entre os estratos, com exceção do 5º, com uma taxa de atividade de 0,73. Nos demais estratos, o percentual da PEA situa-se ao redor do total geral.

Entre as pessoas de 15-25 anos encontramos uma PEA total de 44%. A PEA homem é relativamente bem maior do que a PEA mulher, respectivamente, 53% e 36%.

É interessante observar que a PEA nos dois primeiros estratos é maior do que nos demais. Mas como se procurou mostrar pela Tabela 10, é também nesses estratos que encontramos a maior taxa de desocupação geral.

Por se tratar de força de trabalho jovem, é possível concluir pela maior rotatividade desta mão-de-obra. Assim, como a pergunta do questionário procurou captar a situação ocupacional no mês anterior ao da entrevista, e a situação no momento da entrevista, o confronto dos dois dados permitiu que se incluisse o número de desempregados na PEA. Mais tarde se procurará mostrar a taxa de ocupação por idade e sexo, e aprofundar mais esta parte.

Da mesma forma, quando consideramos as pessoas de 15 anos e mais, nos dois primeiros estratos e no 5º, aparecem as maiores taxas de atividade. Aprofundaremos mais adiante também esta questão.

Um outro aspecto interessante e que diz respeito à PEA, é o número dela nas famílias segundo os diversos estratos. A Tabela 14 nos dá uma idéia a respeito:

a) 6,7% das famílias tem zero PEA. Isto é, a PEA existente

está desocupada ou desempregada. Embora não existam acentuadas diferenças entre os diversos estratos, nos inferiores o número relativo de famílias com nenhuma PEA é maior. Estas famílias têm como renda, nestes casos, pensões e aposentadorias, ou outras formas de renda conseguidas fora do mercado de trabalho. Especialmente nos estratos mais baixos, quando a renda não provém de pensões e aposentadorias, são ajudas de parentes e amigos, ou esmolas, que sustentam estas famílias;

- b) a maior parte das famílias têm apenas uma PEA, ou, quando muito, duas pessoas. São poucas as famílias com três ou mais PEAs: 18,7%;
- c) como podemos ver na coluna da direita, a média de PEA não é grande. No total geral, haveria 1,78 pessoas economicamente ativas.

Tabela 14

Número da PEA por família segundo os estratos

	TOTAL		Famílias com				Média de PEA por família
	Nº	%	0 PEA	1 PEA	2 PEAs	3 ou+PEAs	
1º Estrato	49	100,0	8,2	36,7	34,7	20,4	1,86
2º Estrato	114	100,0	8,8	48,2	21,9	21,1	1,80
3º Estrato	134	100,0	6,0	51,5	26,1	16,4	1,67
4º Estrato	175	100,0	5,7	41,7	34,9	17,7	1,79
5º Estrato	48	100,0	6,3	31,2	41,7	20,8	1,92
TOTAL GERAL	520	100,0	6,7	44,2	30,4	18,7	1,78

4. POPULAÇÃO OCUPADA

Já falamos ligeiramente sobre as taxas de ocupação segundo os estratos. Nessa parte, aprofundaremos a discussão especialmente sob a perspectiva do mercado formal e informal de trabalho, e da renda auferida nestes mercados.

Inicialmente, porém, a Tabela 15 nos apresenta mais algumas taxas de ocupações segundo a idade e sexo das pessoas. Em linhas gerais, observa-se que entre as pessoas de 15-25 anos a taxa de ocupação é um pouco menor do que entre as de 26-64 anos.

O mesmo observa-se em relação ao sexo, onde as mulheres parecem mais sujeitas ao desemprego do que os homens.

O desemprego também parece atingir mais as pessoas dos estratos mais pobres. Sem aprofundar a questão, poderíamos dizer que a rotatividade no trabalho é mais típica destes estratos baixos, que muitas vezes forçam a demissão porque têm em vista outro emprego de maior remuneração, ou mesmo há interesse na dispensa de empregados para que o empregador possa contratar outros a preços inferiores, dada a grande oferta de mão-de-obra existente.

No caso dos mais jovens, a situação mais típica de desemprego é a falta de experiência e referência profissionais. Esses são dois aspectos importantes a serem considerados quando se analisa a luta dos jovens pela obtenção de uma ocupação remunerada, ou mesmo a sua conservação, uma vez empregados. Mas é importante não menosprezar as restrições por parte do mercado de trabalho para a incorporação dos jovens.

Já o desemprego das mulheres está vinculado a fatores soci

Tabela 15

Diversas taxas de ocupação segundo os estratos

ESTRATOS	TAXA DE OCUPAÇÃO				
	Total	Pessoas de 15-25 anos	Pessoas de 26-64 anos	Homens	Mulheres
1º Estrato	.88	.77	.93	.94	.81
2º Estrato	.96	.95	.97	.98	.92
3º Estrato	.96	.88	.98	.97	.93
4º Estrato	.97	.93	1.00	.99	.96
5º Estrato	.99	1.00	.99	1.00	.98
TOTAL GERAL	.96	.91	.98	.98	.93

ais mais amplos, como o seu status e os papéis que lhe são atribuídos. As responsabilidades caseiras e o cuidado dos filhos impedem, na maior parte das vezes, o trabalho, ou impõem uma atividade produtiva que possa ser combinada com suas tarefas domésticas. Como nem sempre isso é possível, no caso das mulheres casadas, perde-se a oportunidade ocupacional. No caso das mulheres solteiras, não obstante estejam crescendo as oportunidades de trabalho a elas oferecidas, essas atividades são normalmente de baixa remuneração e produtividade, onde a rotatividade também é consideravelmente alta.

Para efeitos desse trabalho, o desemprego ou a subocupação da força de trabalho não constituem "setores marginais" na economia, mas, ao contrário, colaboram ativamente para o processo de acumulação, estando integrados no sistema econômico regional em desenvolvimento.

Dessa forma, procuremos analisar o modo de inserção das pessoas ocupadas nos mercados formal (A) e informal (B) de trabalho, ressaltando a importância delas todas para o crescimento econômico, da mesma forma que sua participação seja como produtores ou como beneficiários desse processo. Se de um modo ou de outro as pessoas não participam do crescimento, isso significa que estão totalmente alheias ao processo, na medida em que se constituem numa "reserva" a ser utilizada a qualquer momento.

No mercado A ou formal estariam inseridas aquelas pessoas que trabalham nas seguintes ocupações: industriais, administradores de bancos e companhias de seguro, profissionais e técnicos de nível superior, proprietários rurais, administradores do setor público e privado, outros profissionais liberais, técnicos e professo

res secundários. Ainda, pessoas que tinham as seguintes posições na ocupação: empregadores com empregados, e empregados com carteira de trabalho assinada.

No mercado B ou informal estariam inseridas todas as demais pessoas, cujas principais características do modo de inserção seriam: a desproteção às leis trabalhistas e previdenciárias, o trabalho não contínuo, o trabalho de quebra-galho e de faz de tudo, o trabalho caseiro, etc.

Pela Tabela 16 podemos observar as pessoas ocupadas nos mercados formal e informal segundo os estratos.

É forte a correlação entre o modo de inserção no mercado de trabalho e os estratos. Isto é, aos estratos mais altos corresponde um distinto modo de inserção em relação aos estratos mais baixos. Assim, o trabalho no setor formal é típico dos estratos ricos, e o trabalho no setor informal é típico dos estratos pobres.

Podemos incluir as pessoas ocupadas em A-B simplesmente entre aquelas do setor formal (veja Tabela 17), na medida em que teriam todas as vantagens dos demais ocupados. É claro que têm uma renda média maior, como poderemos ver mais adiante, conferindo-lhes melhores condições de acesso ao consumo de bens e serviços.

O 3º estrato detem uma situação intermediária, distribuindo quase equitativamente nos dois mercados o seu pessoal ocupado. Já no 1º e 2º estratos predominam os ocupados no setor informal de trabalho, permitindo que se elabore algumas hipóteses. Em primeiro lugar, os rendimentos do setor informal são consideravelmente mais baixos do que no setor formal, e na maioria das vezes o único para as famílias dos dois primeiros estratos. Em muitas famílias, apenas uma

Tabela 16

Inserção nos mercados formal e informal de trabalho segundo os estratos

ESTRATOS	TOTAL		Ocupados em A		Ocupados em A-B		Ocupados em B	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1º Estrato	80	100,0	23	28,8	4	5,0	53	66,2
2º Estrato	197	100,0	76	38,6	5	2,5	116	58,9
3º Estrato	214	100,0	113	52,8	9	4,2	92	43,0
4º Estrato	305	100,0	184	60,3	9	3,0	112	36,7
5º Estrato	91	100,0	68	74,7	2	2,2	21	23,1
TOTAL GERAL	887	100,0	464	52,2	29	3,3	394	44,4

Tabela 17

Inserção nos Mercados formal e informal
de trabalho segundo os estratos

ESTRATOS	Total		Ocupados em A		Ocupados em B	
	nº	%	nº	%	nº	%
1º Estrato	80	100,0	27	33,8	53	66,2
2º Estrato	197	100,0	81	41,1	116	58,9
3º Estrato	214	100,0	122	57,0	92	43,0
4º Estrato	305	100,0	193	63,3	112	36,7
5º Estrato	91	100,0	70	76,9	21	23,1
TOTAL GERAL	887	100,0	493	55,6	394	44,4

Fonte: Tabela 16

peessoa, ou no máximo duas, garantem alguma renda de trabalho para a manuteno da família, renda essa conseguida no mercado informal.

Em segundo lugar, o recurso ao mercado informal  necessário para a subsistência de muitas famílias pobres, já que existe um mercado formal completamente congestionado. Assim, crianças, mulhe - res, pessoas idosas e todos que procuram alguma renda, podem encon - trar um modo de insero no setor informal, e nele desempenharem qual - quer ocupao, que nem sempre tem condioes de gerar uma renda satis - fatria.

Já no 4 e 5 estratos predominam os ocupados no setor for - mal de trabalho. Algumas consideraoes poderiam ser formuladas em re - laço  esta condio. Por um lado, trata-se de pessoas com certo pre - paro profissional e aos quais está associado um rendimento maior. Por - outro, e isso parece perfeitamente constatável a partir de dados já anteriormente analisados, o fato de mais gente trabalhar no mercado A das pessoas ocupadas destes dois últimos estratos, faz com que a família tenha rendimentos mais elevados. Em outras palavras, mais gen - te trabalhando e precisamente no mercado formal, maiores os rendimen - tos da família. A parte relativa às rendas dos ocupados e da PEA se - r vista mais adiante.

Pelas tabelas seguintes (18, 19 e 20) podemos observar al - gumas características das pessoas ocupadas segundo a idade, o sexo e a atividade sempre relacionando com os mercados formal e informal.

Não ocorrem diferenças significativas entre os estratos quanto  idade das pessoas ocupadas, seja do mercado formal ou infor - mal (Tabela 18).

Tabela 18

Idade das Pessoas Ocupadas nos Mercados Formal
E Informal Segundo os Estratos

ESTRATOS	Pessoas Ocupadas em "A"				Pessoas Ocupadas em "B"			
	Total	Idade (Anos)*			Total	Idade (Anos)		
		De 15 a 25	De 26 a 64	De 65 e mais		De 15 a 25	De 26 a 64	De 65 e mais
1º Estrato	27 100,0	11,1	88,9	-	53 100,0	39,6	58,5	1,9
2º Estrato	81 100,0	24,7	75,3	-	116 100,0	42,2	56,9	0,9
3º Estrato	122 100,0	27,0	72,1	0,9	92 100,0	21,7	76,1	2,2
4º Estrato	193 100,0	31,0	66,3	2,7	112 100,0	31,2	64,3	4,5
5º Estrato	70 100,0	21,4	78,6	-	21 100,0	38,1	61,9	-
TOTAL GERAL	493 100,0	26,6	72,2	1,2	394 100,0	33,8	63,9	2,3

As pessoas de 15 a 25 anos de idade representam pouco mais de um quarto das pessoas ocupadas no mercado formal e um terço das ocupadas no informal. Embora seja um grupo numericamente inferior ao de 26-64 anos (veja Tabela 2), essa menor participação, como nos referimos anteriormente, pode significar que para esse grupo etário existam maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, especialmente formal.

No informal, esse grupo de 15-25 anos tem uma participação relativa um pouco maior, mas ainda não sugere a confirmação da hipótese de que os menores, digamos até 18 anos, estariam forçados a ingressar no mercado de trabalho para compensar a perda do poder aquisitivo dos salários e, igualmente, aumentar os reduzidos orçamentos familiares. Essas considerações seriam válidas, particularmente, para os estratos mais baixos, que teriam maior necessidade de se utilizarem dessa estratégia para sobreviverem.

Portanto, independentemente do mercado de trabalho, os dados sugerem que as pessoas de 26-64 anos são incorporadas com maior facilidade, não só porque a idade é uma boa medida de experiência, como também pela maior capacidade de produção.

Observando as Tabelas 19 e 20, onde as pessoas ocupadas foram separadas pelo sexo, percebe-se que a inserção no mercado formal é uma condição principalmente do homem:

	<u>Ocupados em "A"</u>	<u>Ocupados em "B"</u>	
Homens -	63,5%	36,5%	= 100,0
Mulheres -	43,9%	56,1%	= 100,0

	<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>	
Ocupados em "A"	68,2%	31,8%	= 100,0
Ocupados em "B"	49,0%	51,0%	= 100,0

Quanto à mulher, ela predomina no mercado informal, especialmente nos estratos mais baixos.

As duas tabelas (19 e 20) ainda permitem a formulação das seguintes considerações de ordem geral:

- a) a inserção dos homens do mercado formal aumenta de acordo com os estratos mais altos. Isto é, na medida que passamos ao último estrato, é maior relativamente a presença de homens ocupados no mercado "A", e vice-versa (Tabela 19);
- b) no caso das mulheres, sua inserção nos mercados "A" e "B" segundo os estratos, apresenta disparidades muito mais acentuadas que entre os homens. Especialmente nos dois primeiros estratos (Tabela 19), a presença relativa das mulheres no mercado formal é reduzida. Ela se faz acentuadamente no mercado "B", ao contrário dos últimos estratos. Esses dados sugerem, portanto, que o significado da presença da mulher no mercado de trabalho, além de ter um sentido diferente de acordo com o estrato - maior ou menor participação no mercado "A" ou "B" -, confere uma contribuição também diferente ao orçamento familiar;
- c) analisando a participação relativa dos sexos nos mercados formal e informal segundo os diversos estratos, sobressai, entre as pessoas ocupadas em "A", a participação dos homens. É interessante observar que nos estratos mais baixos é maior a presença de homens, enquanto aumenta a participação

Tabela 19

Sexo das Pessoas Ocupadas nos Mercados Formal e Informal segundo os Estratos

ESTRATOS	HOMENS			MULHERES		
	Total.	Ocupados Em "A"	Ocupados Em "B"	Total	Ocupados Em "A"	Ocupados Em "B"
1º Estrato	46 100,0	50,0	50,0	34 100,0	11,8	88,2
2º Estrato	125 100,0	52,0	48,0	72 100,0	22,2	77,8
3º Estrato	134 100,0	65,7	34,3	80 100,0	42,5	57,5
4º Estrato	173 100,0	68,2	31,8	132 100,0	56,8	43,2
5º Estrato	51 100,0	82,4	17,6	40 100,00	70,0	30,0
TOTAL GERAL	529 100,0	63,5	36,5	358 100,0	43,9	56,1

Tabela 20

Sexo das Pessoas Ocupadas nos Mercados Formal
e Informal segundo os Estratos

ESTRATOS	PESSOAS OCUPADAS EM "A"			PESSOAS OCUPADAS EM "B"		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1º Estrato	27 100,0	85,2	14,8	53 100,0	43,4	56,6
2º Estrato	81 100,0	80,2	19,8	116 100,0	51,7	48,3
3º Estrato	122 100,0	72,1	27,9	92 100,0	50,0	50,0
4º Estrato	193 100,0	61,1	38,9	112 100,0	49,1	50,9
5º Estrato	70 100,0	60,0	40,0	21 100,0	42,9	57,1
TOTAL GERAL	493 100,0	68,2	31,8	394 100,0	49,0	51,0

das mulheres juntamente com o estrato (Tabela 20). Isso mostra, novamente, distintos modos de inserção da mulher no mercado de trabalho de acordo com o estrato. Mostra, também, que as mulheres dos estratos mais altos têm melhores condições de contribuir para o rendimento familiar seja através de rendimentos mais constantes, seja porque o seu trabalho deve ter resultado de alguma mobilidade;

- d) já entre as pessoas ocupadas no mercado informal (Tabela 20), não existem profundas diferenças relativas entre os sexos nem entre os estratos.

Quando se passa para o estudo da atividade das pessoas ocupadas nos mercados formal e informal (Tabela 21), novamente os dados demonstram alguns contrastes segundo os estratos.

Entre as pessoas ocupadas em "A", aproximadamente dois terços delas apenas trabalham; 21,1% estudam e trabalham e 13,6% têm afazeres domésticos e trabalham.

Nos dois primeiros estratos - os mais pobres -, a grande maioria das pessoas ocupadas no mercado formal apenas trabalhavam, havendo, portanto, um reduzido número com outra atividade.

Já a partir do 3º estrato, as pessoas ocupadas tendem a desempenhar mais alguma atividade juntamente com o trabalho, como o estudo e/ou afazeres domésticos. No 5º estrato, que se distingue dos demais, as pessoas que só trabalham representam um grupo numericamente semelhante ao que estuda e trabalha, respectivamente, 44,3% e 35,7%.

Tabela 21

Atividade das pessoas ocupadas nos mercados formal e informal segundo os estratos

ESTRATOS	PESSOAS OCUPADAS EM "A"				PESSOAS OCUPADAS EM "B"			
	Total	Atividade			Total	Atividade		
		Só Trabalham	Estudam e Trabalham	Afazeres Do m ^o ésticos e Trabalham		Só Trabahan	Estudam e Trabalham	Afazeres Do m ^o ésticos e Trabalham
1º Estrato	27 100,0	96,3	3,7	-	53 100,0	45,3	11,3	43,4
2º Estrato	81 100,0	80,2	9,8	9,9	116 100,0	48,3	19,0	32,7
3º Estrato	122 100,0	67,2	22,1	10,7	92 100,0	42,4	15,2	42,4
4º Estrato	193 100,0	61,1	22,3	16,6	112 100,0	45,5	16,1	38,4
5º Estrato	70 100,0	44,3	35,7	20,0	21 100,0	42,9	38,1	19,0
TOTAL GERAL.	493 100,0	65,3	21,1	13,6	394 100,0	45,4	17,3	37,3

Esses dados mostram que as pessoas se organizam estrategicamente de modos diferentes, algumas apenas trabalhando e outras aliando ao trabalho uma outra atividade. A condição de apenas trabalhar entre as pessoas do mercado "A" é muito típica dos estratos mais pobres, o que permite supor, senão uma grande vulnerabilidade do trabalho - pela dependência a ele -, a impossibilidade de executar qualquer outra coisa. Agarram-se ao trabalho acima de tudo, seja para não perdê-lo, seja para extrair dele um mínimo de renda.

O 3º e o 4º estrato, que formam um segundo grupo bastante homogêneo, têm em torno de dois terços das pessoas ocupadas em "A" que só trabalham. Duas hipóteses podem ser levantadas com relação a esse grupo e que podem explicar suas maiores rendas. Em primeiro lugar, a condição de estudar pode ser um elemento importante seja para inserir estas pessoas no mercado formal, seja para lhes conferir melhores condições de especialização e por isso de renda.

Em segundo lugar, a presença especialmente de mulheres trabalhando e realizando ao mesmo tempo afazeres domésticos, pode representar um grande estímulo no aumento do rendimento domiciliar, seja para complementá-lo ou mesmo aumentando com mais um salário o total de ganhos da família.

No 5º estrato, com mais ênfase, a condição de estudar e de realizar afazeres domésticos juntamente com o trabalho parecem ser condições relevantes para garantir um maior rendimento familiar.

De outro lado, em relação às pessoas ocupadas no mercado informal (B), os diversos estratos demonstram-se bastante homogêneos na distribuição do pessoal segundo as atividades.

O que há de mais significativo nessa parte da Tabela 21, é a maior participação de pessoas (mulheres) que trabalham e têm afazeres domésticos. Naturalmente, a predominância dessa dupla atividade deve-se apenas ao maior peso das mulheres no mercado "B". Mas essa situação também vem reafirmar a necessidade do mercado informal como um posto de trabalho considerado complementar ou até um recurso único e imprescindível para conseguir juntar mais um pouco de dinheiro à renda diminuta.

Sem dúvida alguma, embora haja exceções, os empregos no setor informal significam postos mínimos de trabalhos; isto é, postos de trabalho aos quais estão associados rendimentos reduzidos e até insatisfatórios, típicos de uma mão-de-obra despreparada e existente em abundância.

Essas considerações levam-nos a analisar a renda dos diversos estratos segundo os mercados formal e informal.

5. A RENDA DO TRABALHO

A renda proveniente do trabalho representa um bom indicador para a análise da qualidade do emprego e do modo de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, além de permitir uma avaliação do acesso ao consumo de bens e serviços.

É objetivo, nessa parte do trabalho, mostrar diferenciais de renda entre os estratos e entre os mercados de trabalho segundo cada estrato. Nessa dimensão, interessa particularmente entender como sobrevivem os estratos mais pobres, que precisam distribuir menores recursos para um número maior de pessoas.

Na verdade, as rendas médias podem esconder profundas diferenças de salários individuais dentro de cada estrato. Mas temos que ter presente que o objetivo desta pesquisa é o de comparar os estratos entre si, razão porque trabalhamos com médias.

A Tabela 22 apresenta as rendas médias das pessoas ocupadas segundo as atividades; isto é, das pessoas que apenas trabalhavam, ou estudavam e trabalhavam, ou tinham afazeres domésticos e trabalhavam.

As informações da tabela mostram uma distribuição bastante insatisfatória da renda conseguida através do trabalho, refletida através das médias e dos índices de Gini.

Observando a coluna do TOTAL, verificamos que o 5º estrato tem uma renda quase 20 vezes superior ao 1º, e que era respectivamente, de Cr\$ 9 167,00 e Cr\$ 460,00.

A distribuição das rendas do trabalho estão refletindo rendimentos altamente diferenciados para as oportunidades de trabalho encontradas pelos indivíduos dos diversos estratos. Isso significa di-

Tabela 22

Rendas Médias das Pessoas Ocupadas segundo
a atividade e por estratos (Cr\$ 1,00)

ESTRATOS	Renda Média dos Ocupados Segundo as Atividades			
	Total	Só Trabalham	Estudam e Trabalham	Têm Afazeres Domésticos e Trabalham
1º Estrato	460	603	271	206
2º Estrato	827	1 055	517	431
3º Estrato	1 394	1 741	1 208	758
4º Estrato	3 253	4 314	2 343	1 601
5º Estrato	9 167	14 771	4 939	4 463
TOTAL GERAL	2 621	3 370	2 167	1 232
ÍNDICE DE GINI	0,44	0,47	0,37	0,42

zer, por exemplo, que as pessoas que apenas trabalham têm rendimentos médios bem maiores do que aquelas que desempenham uma outra atividade paralelamente. Esta diferença, de 3 a 4 vezes superior, poderia estar refletindo assim a seletividade do mercado de trabalho por aquelas pessoas que têm condições de se dedicarem integralmente ao trabalho. Em outras palavras, os dados indicam que é preferível apenas trabalhar quando se pretende rendas mais elevadas.

As pessoas que estudam e trabalham têm rendas médias menores do que aquelas que apenas trabalham. Embora seja difícil uma explicação a partir da tabela, sobretudo quando se deposita alguma importância na relação entre educação, emprego e salários. Os dados não confirmam, na verdade, tal associação, o que pode significar que as pessoas que estudam e trabalham ainda são jovens, tendo ingressado pouco no mercado de trabalho, ou, associam o estudo e o trabalho como necessidades, seja de profissionalização, seja de elevação dos rendimentos domiciliares.

Mas são as pessoas que aliam afazeres domésticos e trabalho que têm menores rendas médias. Como vimos, esta é uma condição principalmente da mulher, ocupada quase sempre no mercado informal, que não têm condições de se dedicar integralmente ao trabalho.

As informações da Tabela 22, são, portanto, bastante reveladoras do tipo de distribuição de renda das pessoas ocupadas que só trabalham, ou que aliam ao trabalho uma outra atividade. As diferenças de renda revelam uma estrutura seletiva e bastante desigual, indicativas de uma economia ainda insuficiente para uma adequação entre oferta e demanda de mão-de-obra.

Além disso, os índices de Gini revelam uma distribuição bastante desigual da renda, que beneficia primordialmente os estratos mais ricos. O benefício, sem dúvida alguma, é em favor de uma pequena e privilegiada minoria, que constitui um dos aspectos essenciais do estilo de desenvolvimento capitalista no Brasil.

Estas considerações também são válidas quando analisamos as rendas médias dos ocupados nos mercados formal e informal (Tabela 23).

A diferença de renda entre os mercados A e B é de 2,34 vezes maior, quando observamos o total geral. É interessante, por exemplo, como estas diferenças vão decrescendo na medida em que passamos para os estratos mais altos. Enquanto no 1º estrato verificamos uma diferença de quase 3 vezes entre os mercados A e B, no 5º esta diferença reduz-se pela metade.

As diferenças nas rendas médias não só mostram contradições de certa forma profundas entre os mercados, como entre os estratos.

No que se refere aos índices de Gini, percebe-se uma melhor distribuição de renda no mercado formal, que é de 0,39, sendo mais concentrada no informal (0,45). Justifica-se a melhor distribuição no formal por ser um setor mais institucionalizado, sem grande competitividade, na medida em que a própria organização da empresa limita grandes diferenciais de salário, pelo estabelecimento de níveis considerados adequados para a região.

Já a maior concentração dos rendimentos das pessoas ocupadas no mercado informal deve-se à grande competitividade interna no setor. Dessa forma, quem se virar mais ou quem trabalhar mais, têm

Tabela 23

Rendas Médias das Pessoas Ocupadas nos Mercados
formal e informal segundo os estratos (Cr\$ 1,00)

ESTRATOS	Renda Média dos Ocupados			A/B
	Total	A	B	
1º Estrato	460	821	276	2,97
2º Estrato	827	1 112	628	1,77
3º Estrato	1 394	1 691	1 007	1,68
4º Estrato	3 253	3 757	2 383	1,58
5º Estrato	9 167	9 852	6 881	1,43
TOTAL GERAL	2 621	3 516	1 501	2,34
ÍNDICE DE GINI	0,44	0,39	0,45	

maiores condições de ganhar mais renda.

É verdade também que o setor informal caracteriza-se pela grande heterogeneidade de ocupações. Nos maiores estratos encontramos alguns grandes comerciantes, o que força uma elevação dos rendimentos médios e a própria concentração deles nesses estratos. Ao contrário, na medida em que o mercado B agrupa um grande contingente de mulheres, e que normalmente associam uma outra atividade ao trabalho, delas espera-se rendimentos menores, já que a função de sua renda tem características diversas quando comparadas a certas ocupações dos estratos mais ricos.

Se para os estratos mais pobres o mercado informal pode ser considerado como uma estratégia de sobrevivência para o grupo familiar, o mesmo dificilmente aconteceria para os estratos mais ricos.

Analisando a distribuição dos rendimentos das pessoas ocupadas segundo o sexo e mercados A e B (Tabela 24), os dados apenas vem confirmar as considerações que estamos fazendo até o momento, e que assim podem ser sintetizadas:

- a) os homens têm rendas médias bem superiores às das mulheres. A própria distribuição da renda é mais concentrada entre os primeiros, seja porque entre eles existe maior competição por empregos melhor remunerados, seja porque se dedicam quase que exclusivamente ao trabalho, ao contrário das mulheres que normalmente aliam ao trabalho o estudo ou afazeres domésticos;
- b) as rendas médias das pessoas ocupadas em A são sempre superiores às daquelas ocupadas em B. Estas diferenças

Tabela 24

Rendas médias dos ocupados nos mercados formal e informal segundo o sexo por estratos

ESTRATOS	RENDAS MÉDIAS DOS OCUPADOS (CR\$ 1,00)								
	TOTAL	HOMENS			A/B	MULHERES			A/B
		TOTAL	OCUPADOS EM "A"	OCUPADOS EM "B"		TOTAL	OCUPADOS EM "A"	OCUPADOS EM "A"	
1º Estrato	460	620	863	378	2,28	242	583	197	2,96
2º Estrato	827	1 030	1 172	876	1,34	476	869	363	2,39
3º Estrato	1 394	1 755	1 910	1 458	1,31	797	1 124	555	2,02
4º Estrato	3 253	4 338	4 807	3 322	1,45	1 830	2 106	1 497	1,41
5º Estrato	9 167	13 088	13 559	10 889	1,25	4 167	4 293	3 875	1,11
TOTAL GERAL	2 621	3 422	4 169	2 122	1,96	1 437	2 118	905	2,34
ÍNDICE DE GINI	0,44	0,46	0,44	0,45		0,40	0,27	0,45	

são mais acentuadas entre as mulheres, mas apenas até o 3º estrato. No 4º e 5º estratos, as diferenças entre os homens e as mulheres dos mercados formal e informal são praticamente semelhantes;

- c) observando os homens isoladamente, os ocupados em B, no total geral, ganham mais ou menos a metade dos ocupados em A. As maiores diferenças são percebidas no 1º e 2º estratos;
- d) a distribuição da renda entre os homens acha-se bastante concentrada, especialmente nas mãos dos ocupados do 4º e 5º estratos;
- e) observando as mulheres, as ocupadas em B ganham bem menos da metade das ocupadas em A, respectivamente Cr\$ 905,00 e Cr\$ 2 118,00. Até o 3º estrato, as diferenças são bastante significativas, quando diminuem sensivelmente, quase se igualando no 5º estrato;
- f) a renda dos mercados A e B é distribuída muito distintamente entre as mulheres. No mercado formal ela seria melhor distribuída, isto é, menos concentrada do que no mercado informal.

A Tabela 25, embora traga novas informações a respeito do montante de renda gerado nos mercados formal e informal, permite confirmar que as contribuições do mercado B são muito distintas segundo os diversos estratos.

Assim, o montante da renda gerado em B tem mais importância e significado para os dois estratos mais pobres, e menor para os demais, na medida que vamos até o 5º estrato, onde o mercado in-

Tabela 25

Porcentagem de renda gerada nos mercados
formal e informal segundo o sexo por estratos

ESTRATOS	Renda do Trabalho								
	TOTAL			OCUPADOS EM "A"			OCUPADOS EM "B"		
	% TOTAL	% DOS OCUPADOS "A"	% DOS OCUPADOS "B"	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1º Estrato	100,0	60,3	39,7	100,0	89,5	10,5	100,0	59,5	40,5
2º Estrato	100,0	55,3	44,7	100,0	84,6	15,4	100,0	72,1	27,9
3º Estrato	100,0	69,0	31,0	100,0	81,5	18,5	100,0	72,4	27,6
4º Estrato	100,0	73,1	26,9	100,0	78,2	21,8	100,0	68,7	31,3
5º Estrato	100,0	82,7	17,3	100,0	82,6	17,4	100,0	67,8	32,2
TOTAL GERAL	100,0	74,6	25,4	100,0	80,8	19,2	100,0	69,2	30,8

formal contribui com 17,3% da renda do trabalho gerado no estrato . No total geral, o mercado B contribui com um quarto do total da renda do trabalho.

Observando cada mercado isoladamente segundo o sexo, fica claro como a participação da renda do homem é significativamente maior do que a da mulher, em todos os estratos. A presença da mulher é menor entre os ocupados, sem dúvida. De qualquer forma, isso também poderia estar significando a necessidade de mais empregos para a mulher, e empregos melhor remunerados, tendo em vista a elevação dos rendimentos dos estratos mais pobres.

6. A SITUAÇÃO DOS SUBREMUNERADOS

Entre as pessoas ocupadas encontramos um contingente bastante numeroso de subremunerados. Eles foram assim definidos porque recebem abaixo do salário mínimo, considerado como o mínimo admissível institucionalmente.

Haveria o que se pode chamar subremuneração extrema, porque recebem até 0,49 do salário mínimo. Como também haveria uma subremuneração intermediária, isso porque recebem entre 0,50 e 0,90 do salário mínimo.

A Tabela 26 mostra o percentual de subremunerados entre as pessoas ocupadas segundo o sexo e estratos.

No total geral, haveria 21,9% de subremunerados entre as pessoas ocupadas. Seriam 12,9% entre os homens e 35,2% entre as mulheres.

Dos 35,2% de mulheres, 19,3% ganham até 0,49 SM e 15,9% entre 0,50 e 0,90 do SM.

Dos 12,9% de homens, 4,5% e 8,4%, respectivamente, ganham até 0,49 e entre 0,50 e 0,90 do SM. De um modo geral, haveria um percentual maior de pessoas subremuneradas nos estratos mais pobres. No 1º estrato, por exemplo, 60% das pessoas do estrato que estão ocupadas, seriam subremuneradas.

Embora entre os homens exista um número bastante grande de subremunerados, especialmente nos dois primeiros estratos, esta situação é particularmente típica da mulher. A quase totalidade das mulheres ocupadas do 1º estrato ganham menos do salário mínimo; no 2º

Tabela 26

Porcentagem de subremunerados entre as pessoas ocupadas segundo o sexo e por estratos

ESTRATOS	Subremuneração Total			Subremuneração Extrema (Ganhando até 0,49 do SM)			Subremuneração Intermediária (Ganhando de 0,50 a 0,90 do S		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulhe- res	Total	Homens	Mulheres
1º Estrato	60,0	34,8	94,1	36,3	15,2	64,7	23,8	19,6	29,4
2º Estrato	37,1	23,2	61,1	18,3	8,8	34,7	18,8	14,4	26,4
3º Estrato	18,3	9,7	32,5	6,5	0,7	16,3	11,7	9,0	16,2
4º Estrato	10,2	5,8	15,9	4,6	2,9	6,8	5,6	2,9	9,1
5º Estrato	3,3	-	7,5	-	-	-	3,3	-	7,5
TOTAL GERAL	21,9	12,9	35,2	10,5	4,5	19,3	11,4	8,4	15,9

estrato, quase dois terços delas, no 3º estrato, ainda um terço das mulheres é subremunerada. Daí para frente, os percentuais são baixíssimos.

A Tabela 27 detalha a questão da subremuneração segundo os mercados formal e informal. Como se observa, esta não é uma condição específica do mercado A, onde haveriam apenas 4,1% ganhando até 0,90 do salário mínimo. Já dos ocupados no mercado B, 44,2% seriam subremunerados.

Dos subremunerados ocupados no mercado A, apenas 0,4% ganha até 0,49 do SM; os demais 3,7% entre 0,50 e 0,90 do SM.

No mercado B, a subremuneração distribui-se entre o que chamamos de extrema e intermediária.

Novamente, fica claro como especialmente nos três primeiros estratos a subremuneração afeta um maior contingente de pessoas e que estão ocupadas especialmente no mercado informal.

As Tabelas 28, 29 e 30 apenas pretendem confirmar as nossas colocações, especificando a situação de cada mercado, relacionando-o com o sexo das pessoas ocupadas.

A Tabela 28 totaliza a subremuneração extrema e intermediária, cujas informações estão nas Tabelas 29 e 30.

Das pessoas subremuneradas em A, e que não são numerosas, predominam as mulheres. Elas também predominam no mercado B, onde 57,7% das ocupadas deste setor são subremuneradas. Dos homens, 30,1% ganham menos de 0,90 do salário mínimo.

Em todos os casos, sempre pesa o maior número de pessoas subremuneradas nos estratos mais pobres.

Tabela 27

Porcentagem de pessoas ocupadas nos Mercados formal e informal
que são subremunerados segundo os estratos

ESTRATOS	Subremuneração Total (Ganhando até 0,90 do SM)			Subremuneração Extrema (Ganhando até 0,49 do SM)			Subremuneração Intermediária (Ganhando de 0,50 a 0,90 do SM)		
	Total	A	B	Total	A	B	Total	A	B
1º Estrato	60,0	22,2	79,3	36,3	3,7	52,8	23,8	18,5	26,4
2º Estrato	37,1	4,9	59,5	18,3	-	31,0	18,8	4,9	28,5
3º Estrato	18,3	2,5	39,1	6,5	0,8	14,1	11,7	1,6	25,0
4º Estrato	10,2	3,1	22,3	4,6	-	12,5	5,6	3,1	9,8
5º Estrato	3,3	1,4	9,5	-	-	-	3,3	1,4	9,5
TOTAL GERAL	21,9	4,1	44,2	10,5	0,4	23,1	11,4	3,7	21,1

Tabela 28

Porcentagem de subremunerados entre as pessoas ocupadas nos mercados formal e informal segundo o sexo e por estratos

ESTRATOS	Subremuneração Total					
	EM "A"			EM "B"		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1º Estrato	22,2	8,7	100,0	79,3	60,9	93,3
2º Estrato	4,9	6,2	-	59,5	41,7	78,6
3º Estrato	2,5	1,1	5,8	39,1	26,1	52,2
4º Estrato	3,1	2,5	4,0	22,3	12,7	31,6
5º Estrato	1,4	-	3,6	9,5	-	16,7
TOTAL GERAL	4,1	3,0	6,4	44,2	30,1	57,7

Tabela 29

Porcentagem de pessoas ocupados nos mercados formal e informal, segundo o sexo e por estrato, ganhando até 0,49 do Salário Mínimo

ESTRATOS	Subremuneração Extrema (até 0,49 do Salário Mínimo)					
	Em "A"			Em "B"		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1º Estrato	3,7	4,4	-	52,8	26,1	73,3
2º Estrato	-	-	-	31,0	18,3	44,6
3º Estrato	0,8	1,1	-	14,1	-	28,3
4º Estrato	-	-	-	12,5	9,1	15,8
5º Estrato	-	-	-	-	-	-
TOTAL GERAL	0,4	0,6	-	23,1	11,4	34,3

Tabela 30

Porcentagem de pessoas ocupadas nos mercados formal e informal ganhando 0,50 a 0,90 do salário mínimo segundo o sexo e por estrato

ESTRATOS	Subremuneração Intermediária (de 0,50 a 0,90 do SM)					
	Em "A"			Em "B"		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1º Estrato	18,5	4,4	100,0	26,4	34,8	20,0
2º Estrato	4,9	6,2	-	28,5	23,3	33,9
3º Estrato	1,6	-	5,8	25,0	26,1	23,9
4º Estrato	3,1	2,5	4,0	9,8	3,6	15,8
5º Estrato	1,4	-	3,6	9,5	-	16,7
TOTAL GERAL	3,7	2,4	6,4	21,1	18,7	23,4

A Tabela 31 apresenta alguns aspectos da subremuneração familiar, aqui definida segundo os mesmos critérios da subremuneração individual. No caso familiar, tomamos as famílias onde havia 1, 2 ou 3 e mais pessoas ocupadas que ganham, respectivamente, 0,90, 1,80 e 2,70 do salário mínimo.

Em mais de 17% das famílias haveria o fenômeno da subremuneração; ou seja, a presença de pessoas ganhando em média menos de 0,90 do salário mínimo.

O que mais sobressai é a situação do 1º estrato, onde haveria 67,4% das famílias convivendo com a subremuneração de suas pessoas ocupadas. No 2º estrato, aproximadamente em 50% das famílias haveriam pessoas subremuneradas.

Apenas no 5º estrato não haveria este problema.

O que os dados procuram mostrar, deve-se dizer claramente, é a situação das rendas do trabalho conseguidas pelas pessoas ocupadas. O que pode acontecer, em alguns casos, é a existência de outras rendas que irão permitir a sobrevivência da família. O que se pretendia registrar era algo como a subocupação das pessoas a partir da renda do trabalho.

Tabela 31

Subremuneração familiar

Estratos	Número de famílias com 1, 2 e 3 ou mais pessoas ocupadas que ganham, respectivamente, 0,90 1,80 e 2,70 do salário mínimo	
	Nº de famílias	% das famílias subremuneradas
1º Estrato	33	67,4
2º Estrato	34	29,8
3º Estrato	17	12,7
4º Estrato	6	3,4
5º Estrato	-	-
TOTAL GERAL	90	17,3

7. ESCOLARIDADE

A presente pesquisa não proporciona muitas informações sobre a educação das pessoas objeto neste estudo. Os dados apenas permitem que sejam apresentadas algumas características gerais a respeito, motivo pelo qual não nos aprofundaremos demasiadamente sobre este assunto neste trabalho.

Quanto a população de 0-6 e 7-14 anos - respectivamente, Tabelas 32 e 33 -, estamos apenas em condições de dizer se ela estuda ou não estuda.

Segundo podemos observar na Tabela 32, das crianças de 0-6 anos, 21,6% estuda; isto é, cursam o pré-escolar. O objetivo geral da educação pré-escolar é o de atender a população de 4-6 anos de idade, situada especialmente nas zonas urbanas e pertencentes ao nível sócio-econômico mais baixo. Com isso, pretende-se assegurar o desenvolvimento global da criança, propiciando-lhe condições mais adequadas para um melhor aproveitamento da escolaridade obrigatória.

A tabela é bastante reveladora neste sentido, permitindo, no entanto, dois tipos de observações. Na medida em que nos estratos mais ricos da população da Região Metropolitana de Fortaleza encontramos o maior grupo relativo de crianças que estudam, podemos levantar as seguintes considerações: 1) ou o projeto de educação pré-escolar beneficia principalmente as crianças de famílias dos estra-

Tabela 32

Pessoas de 0-6 anos de idade que estudam ou não, segundo os estratos

Estratos	Total		Pessoas de 0-6 anos de idade	
	Nºs abs.	%	% que estuda	% que não estuda
1º Estrato	95	100,0	10,5	89,5
2º Estrato	143	100,0	18,9	81,1
3º Estrato	114	100,0	25,4	74,6
4º Estrato	110	100,0	26,4	73,6
5º Estrato	18	100,0	50,0	50,0
TOTAL GERAL	480	100,0	21,6	78,4

tos mais altos, retirando vagas que deveriam ser de crianças oriundas de famílias carentes de recursos e demais condições sócio-culturais, ou então aquelas famílias se utilizam de escolas pagas para que seus filhos possam estudar; 2) independentemente da consideração anterior, merece destaque o projeto de desenvolvimento da educação pré-escolar, na medida em que estaria atendendo e beneficiando crianças dos estratos pobres, cujos reflexos serão sentidos, sem dúvida, na diminuição das taxas de repetência e evasão na 1ª série do 1º grau.

O acesso desigual das crianças à escola é observado também na Tabela 33, que especifica o número de crianças de 7-14 anos que estuda ou não estuda. No total geral, 89% das crianças desta faixa etária estão estudando, restando, assim, um pequeno número que não estuda.

Com exceção do 1º e 3º estratos, o percentual de crianças estudando nos demais estratos ultrapassa os 90%. Isto é, da população na faixa da escolarização obrigatória verifica-se uma quase universalização do ensino de 1º grau, o que vem de encontro ao esforço governamental no setor. Os dados apenas permitem falar da expansão quantitativa do ensino de 1º grau, sem fazer referência às questões qualitativas e ao atendimento ainda deficiente nas zonas rurais.

Tabela 33

Pessoas de 7-14 anos de idade que estudam ou não segundo os estratos

Estratos	Total		Pessoas de 7-14 anos de idade	
	Nºs abs.	%	% que estuda	% que não estuda
1º Estrato	95	100,0	76,8	23,2
2º Estrato	187	100,0	90,4	9,6
3º Estrato	135	100,0	88,1	11,9
4º Estrato	131	100,0	94,6	5,4
5º Estrato	24	100,0	100,0	-
TOTAL GERAL	572	100,0	89,0	11,0

De qualquer modo, esta quase universalização do ensino fundamental nas áreas urbanas pode ser explicada pelas seguintes razões: a) a grande expansão da rede escolar pública; b) a obrigatoriedade do ensino; c) a maior importância atribuída a ele; e, d) o melhor aproveitamento da rede particular de ensino, pela absorção das vagas pelo Estado, entre outras razões.

As tabelas seguintes (34, 36, 37, 38), procuram expressar a escolaridade através de médias de anos de estudo (anos aprovados). Assim, das pessoas de 7 anos e mais, segundo a Tabela 34, a escolaridade média é de 4,3 anos de estudo.

Há uma relação direta constante da escolaridade das pessoas dos diversos grupos etários segundo os estratos, e que assim pode ser expressa: na medida em que aumentam os estratos, a escolaridade média também aumenta (com exceção das pessoas de 7-14 anos do 5º estrato). Portanto, aos estratos mais altos correspondem médias de escolaridade também mais altas, e vice-versa.

As pessoas de 7-14 anos têm uma escolaridade bastante baixa, se levarmos em conta que ela se situa entre 1,0 ano completo (no 1º estrato) - a média mais baixa - e 2,5 anos de estudo (no 4º estrato) - a média mais alta. Desse grupo etário, um reduzidíssimo número apenas trabalha, o que significa que estas pessoas teriam tempo para estudar. E mais, conforme vimos na Tabela 33, a quase totalidade das crianças de 7-14 anos estuda, o que faria supor uma média de escola-

Tabela 34

Escolaridade média das pessoas de 7 anos e mais segundo os estratos

Estratos	Escolaridade média (anos aprovados) das pessoas			
	Total (de 7 anos de idade e mais)	Pessoas entre 7-14 anos de idade	Pessoas entre 15-25 anos de idade	Pessoas de 26 anos de idade e mais
1º Estrato	1,6	1,0	2,7	1,7
2º Estrato	2,7	1,7	3,9	2,7
3º Estrato	3,6	2,0	4,8	3,7
4º Estrato	6,0	2,5	7,2	6,4
5º Estrato	7,7	1,5	8,4	8,7
Total Geral	4,3	1,8	5,6	4,7

ridade mais alta.

A média de escolaridade do grupo de 15-25 anos é de 5,6 anos completos de estudo. A relação expressa anteriormente entre escolaridade e estratos é bastante significativa para este grupo etário, onde a diferença de escolaridade do 1º para o 5º estrato é de 5,7 anos de estudo.

Os dados evidenciam claramente que as pessoas dos estratos mais baixos - ao completarem 15 anos de idade, por exemplo, abandonam a escola e o estudo, para trabalharem. Isto significa que é difícil aliar ao trabalho o estudo. Já as pessoas do grupo etário de 15-25 anos pertencentes aos estratos mais ricos - digamos, 4º e 5º estratos -, não tem tanta necessidade de trabalhar, podendo continuar seus estudos. Ou, no caso mais extremo, estudam e trabalham.

Novamente, com exceção do 4º e 5º estratos, as pessoas de 26 anos de idade e mais, tem uma média de escolaridade bastante baixa, seja pela dificuldade de compatibilizar estudo e trabalho, seja pelo difícil acesso em termos de custos e até de distância da escola.

Pode-se levantar a hipótese de que as pessoas do 4º e 5º estratos neles se encontram precisamente por causa da sua educação. Especialmente as pessoas que trabalham e que tem maior escolaridade, seriam as mais beneficiadas no mercado de trabalho em termos

de remuneração. Daí pertencerem a estes estratos mais ricos, e se beneficiarem das vantagens que seu nível de escolaridade lhes oferece.

Observando um pouco mais detidamente o grupo etário de 15 anos e mais, os contrastes de escolaridade entre os estratos tornam-se marcantes (Tabela 35). A tabela procura informar sobre as pessoas analfabetas ou que não tem nenhum ano completo de escolaridade - tem, portanto, "zero" de escolaridade. No total geral são 11,3% de 1 689 pessoas. No 1º estrato, 38,6% das pessoas de 15 anos e mais não tem escolaridade ou não completaram um ano de estudo. Os percentuais vão diminuindo sensivelmente a partir do 2º e 3º estratos, restando apenas 1,9% de pessoas no 5º estrato que tem "zero" de escolaridade.

Se aumentarmos para quatro anos de escolaridade inclusive, teremos a metade das pessoas de 15 anos de idade e mais nesta situação (Tabela 35). Fica novamente clara a relação entre escolaridade e estrato, como formulada anteriormente.

Percebe-se que, nos dois estratos mais pobres, a grande maioria das pessoas vai, quando muito, até o 4º ano escolar. São poucos aqueles que conseguem frequentar a escola por mais anos, ao contrário do que se passa com as pessoas dos dois estratos mais ricos. Nesses não só era reduzido o número que tinha escolaridade "zero", como também daqueles com 1-4 anos de escolaridade. Sobressai, as

Tabela 35

Informações sobre anos de escolaridade segundo os estratos

Estratos	% de pessoas de 15 anos e mais que tem escolaridade "zero" (0 anos de estudo) (A)	% de famílias onde as pessoas de 15 anos e mais têm o equivalente a 4 ou menos anos de escolaridade aprovados * (B)	Diferença B-A (1 a 4 anos)
1º Estrato	38,6	91,8	53,2
2º Estrato	15,5	79,0	63,5
3º Estrato	14,1	59,7	45,6
4º Estrato	4,4	21,2	16,8
5º Estrato	1,9	12,5	10,6
Total Geral	11,3	49,6	38,3

* Inclui quatro anos

sim, o número dos que vão mais longe, frequentando e concluindo outros níveis de ensino.

O 3º estrato coloca-se numa situação intermediária, onde 40% aproximadamente tem mais de 4 anos de escolaridade completos.

O nível de escolaridade pode ser um bom indicador da qualidade da força de trabalho, além de poder relacioná-lo positivamente com o nível de renda. É o que se procura fazer nas Tabelas 36, 37 e 38.

A Tabela 36, por exemplo, mostra a escolaridade média da PEA segundo a idade, que é, no total, de 5,6 anos completos.

Novamente, aos estratos mais pobres correspondem médias menores quando as comparamos com as médias dos estratos mais ricos. Isso implica na afirmação de que a escolaridade média da PEA aumenta na medida que passamos do estrato mais pobre ao mais rico. Assim, a PEA do 1º estrato tem uma escolaridade média de 1,8 anos de estudo completos e a do 5º estrato 9,9 anos. Uma diferença de 8,1 anos é que separa a PEA dos dois estratos extremos.

Embora não existam profundas diferenças na escolaridade média dos grupos de 15-25 e 26-64 anos de idade, a qualidade da PEA, definida aqui segundo o número médio de anos de estudo, é menor nos estratos mais pobres, e vice-versa.

Tabela 36

Escolaridade média da PEA segundo a idade
e os estratos

ESTRATOS	Escolaridade média da PEA				
	Total	15-25 anos	26-64 anos	65 e mais anos	Desocupada
1º Estrato	1,8	2,0	1,3	0,0	1,7
2º Estrato	3,3	3,7	3,1	0,0	4,0
3º Estrato	4,4	4,9	4,3	4,3	3,9
4º Estrato	7,7	8,0	7,9	4,9	3,9
5º Estrato	9,9	9,6	10,1	-	8,0
TOTAL GERAL	5,6	5,9	5,6	4,1	3,4

Pode-se estabelecer, nesse caso, a seguinte relação , sem pretender exagerar o papel desempenhado pela educação para determinar a qualidade e o treinamento da força de trabalho.

No caso da RMF, a esta variável, estão associados maiores níveis de renda, o que permitiria a afirmação do aumento do nível de qualificação via educação e, por isso, dos rendimentos.

Mas é possível ainda que os maiores rendimentos tenham proporcionado a possibilidade de acesso à educação, sendo os níveis de renda consequentes da maior experiência de trabalho ou do fator idade, por exemplo.

Tais considerações devem ser aprofundadas num próximo estudo, procurando esclarecer a função da educação sobre os níveis de qualificação e de renda.

Os desocupados dentro da PEA, que não representam um grupo numeroso, não diferem muito dos demais ocupados quanto à escolaridade média. Isso pode significar, sem dúvida alguma, que tais pessoas estão desocupadas por outros motivos - como a competitividade entre a força de trabalho, a não satisfação com níveis salariais propostos, etc -, e não devido aos níveis de escolaridade que os iguala praticamente aos ocupados.

Diferenças podem ser observadas entre as pessoas ocupa-

das no mercado formal (A) e informal (B), como nos mostram os dados da Tabela 37.

Não existem diferenças, todavia, entre a escolaridade média da PEA e a das pessoas ocupadas, devido, precisamente, ao pequeno número dos desocupados e de sua escolaridade.

Mas as diferenças se fazem observar comparando os dois mercados de trabalho. No total geral, a média de escolaridade no mercado formal é de 7,1 anos, e no informal 3,8 anos de estudos completos.

Nos dois primeiros estratos, a escolaridade média pouco tem a ver com o modo de inserção no mercado de trabalho, verificando-se números bem aproximados entre ambos dentro dos estratos.

A maior escolaridade das pessoas ocupadas em "A" é flagrante a partir do 3º estrato quando comparamos com "B". Embora pertencentes aos mesmos estratos, as pessoas do mercado informal tem escolaridade menor, o que poderia levar à seguinte consideração: a escolaridade relaciona-se com o nível de rendimento e o modo de inserção no mercado de trabalho, o que esclareceria parcialmente as dúvidas levantadas a respeito na tabela anterior.

Para estabelecer uma relação desse tipo, no entanto, de ver-se-ia relacionar escolaridade e renda individual, uma vez que

Tabela 37.

Escolaridade média das pessoas ocupadas
nos mercados formal e informal segundo os estratos

ESTRATOS	Escolaridade média dos ocupados		
	Total	A	B
1º Estrato	1,8	1,3	2,1
2º Estrato	3,2	3,4	3,1
3º Estrato	4,4	5,4	3,2
4º Estrato	7,8	9,0	5,6
5º Estrato	9,7	11,1	6,3
TOTAL GERAL	5,6	7,1	3,8

aqui a relacionamos com a renda familiar, talvez pouco útil e interessante para este tipo de análise que estamos realizando.

Ainda dentro dessa nossa ótica de análise dos diversos estratos, pode-se observar, a partir da Tabela 38, a escolaridade média das pessoas subremuneradas, aqui definidas como sendo aquelas que recebem até 90% do salário mínimo, e que representam 21,9% dos ocupados.

A Tabela 38 pouco esclarece a respeito das dúvidas até agora levantadas sobre o significado da educação para a renda e o modo de inserção do indivíduo no mercado de trabalho.

É de surpreender, por exemplo, a escolaridade média dos subremunerados do 4º e 5º estratos. Todas as médias, sobre o total e mercado "A" e "B" dos subremunerados são maiores que das pessoas ocupadas, conforme vimos na Tabela 37.

Pode ser levantada a hipótese, por exemplo, que se trata de pessoas menores de 20 a 25 anos, que ainda estudam ou que concluíram algum grau e estão agora entrando no mercado de trabalho. Ou ainda, são pessoas que estudam e trabalham parcialmente, ou têm outros afazeres e estudam. Enfim, pessoas pertencentes aos dois estratos mais ricos e que podem se dar ao luxo de receberem menos que o salário mínimo, trabalhando a título de treinamento, por exemplo.

Tabela 38

Escolaridade média das pessoas subremuneradas
segundo os mercados formal e informal e por estratos

ESTRATOS	Escolaridade média dos subremunerados		
	Total	A	B
1º Estrato	2,4	1,0	2,6
2º Estrato	3,5	2,3	3,6
3º Estrato	4,2	4,3	4,2
4º Estrato	8,3	10,2	7,8
5º Estrato	11,7	11,0	12,0
TOTAL GERAL	4,3	5,0	4,2

Já em relação ao 1º, 2º e 3º estratos, as médias de escolaridade das pessoas ocupadas e que estão subremuneradas não são muito diferentes das pessoas todas que estão ocupadas. Ficam, portanto, ao redor da média dos ocupados (Tabela 37 e 38).

Como pôde ser observado nessa parte do trabalho, não há uma condição muito clara para se afirmar sobre a qualidade da força de trabalho da Região Metropolitana de Fortaleza a partir da educação.

E para finalizar, a Tabela 39 apresenta algumas informações sobre gastos em educação. Temos gastos mensais por pessoa que estuda; gastos médios mensais por família e porcentagem dos gastos em educação sobre a renda familiar.

As famílias do 1º estrato têm um gasto mensal por pessoa de Cr\$ 9,18; o gasto mensal médio é de Cr\$ 28,13. Os gastos com educação representam, assim, 2,7% do total da renda familiar das famílias deste estrato que têm estudantes. Assim sucessivamente os demais estratos.

No total geral, gasta-se uma média mensal de Cr\$ 87,33 por pessoa na RMF; o gasto mensal por família é de Cr\$ 256,07, o que irá representar 4,10% sobre o total da renda familiar destas famílias com estudantes.

Tabela 39

Gastos per capita e familiares em Educação segundo os estratos

Estratos	Total de pessoas que estudam (A)	Total de famílias com estudantes (B)	Total das rendas familiares das famílias com estudantes (Cr\$ 1,00) (C)	Total dos gastos mensais em educação das famílias com estudantes (Cr\$ 1,00) (D)	D/A (Cr\$)	D/B (Cr\$)	D/C (%)
1º Estrato	98	32	32 528	900	9,18	28,13	2,76
2º Estrato	279	87	173 644	4 165	14,93	47,87	2,40
3º Estrato	269	89	306 133	11 850	44,05	133,15	3,87
4º Estrato	340	125	994 442	47 592	139,98	380,74	4,79
5º Estrato	96	36	796 287	29 982	312,31	832,83	3,77
Total Geral	1 082	369	2 303 034	94 489	87,33	256,07	4,10

A coluna da direita, que especifica o quantum da renda mensal que é comprometido com a educação, revela que do 3º estrato em diante as famílias gastam mais do que as dos dois primeiros estratos. Isso acontece, como vimos, porque esses estratos mais altos têm um maior número de pessoas estudando, como também porque tem uma maior disponibilidade financeira, especialmente para o ingresso em escolas particulares, em geral de melhor nível e em melhores condições de oferecer qualificação e treinamento profissional, por exemplo.

Em suma, os dados procuram sugerir melhores oportunidades de estudo para as pessoas dos estratos mais ricos, o que coloca a questão da necessidade de se oferecer escolas em maior abundância para atender a população em maiores dificuldades, quer sejam elas financeiras ou de qualquer outra natureza.

8. ACESSO A BENS E SERVIÇOS

8.1. Infra-Estruturas domiciliares

Dados sobre a infra-estrutura domiciliar podem ser indicadores da situação sócio-econômica da população, ao mesmo tempo que através dela se pode desfrutar de bem-estar social.

Assim, a água, esgoto, luz, etc. no domicílio representam elementos básicos de subsistência, dados normalmente por uma estrutura econômica que o permita. O acesso a tais elementos, portanto, além de condicionado pela renda, tem seu limite no número de moradores no domicílio, que dificultariam uma maior utilização de tais serviços.

Embora a pesquisa tenha detalhado bem as informações relativas à origem da água utilizada e tipo de esgoto, estas novas tabulações, feitas a partir de estratos, levaram em conta apenas o fornecimento do serviço a partir da rede geral pública. Por isso, introduziremos as Tabelas 41 e 42 que irão detalhar melhor a qualidade de acesso aos serviços como água e o esgoto, consideradas necessidades básicas.

A partir da Tabela 40, que resume o acesso à água, esgoto e luz por parte dos diversos estratos, podemos observar que 34,8% dos 520 domicílios, que foram objeto de estudo, são servidos pela água da rede geral.

Apenas a partir do 4º estrato é que verificamos o acesso de mais da metade das famílias dos respectivos estratos à água da rede geral. Nos três primeiros estratos, o acesso é reduzido, o que de

Tabela 40

Acesso das famílias à água, esgoto e luz,
segundo os estratos

	% de domicílios com água da rede geral	% de domicílios com esgoto da re- de pública	% de domicílios com eletricida- dade	% de domicílios com água, esgo to e luz	% de domicílios que não dispõe de nenhum serviço
1º Estrato	6,1	2,0	61,2	-	38,8
2º Estrato	14,9	2,6	79,6	-	19,3
3º Estrato	28,4	4,5	93,0	3,0	6,7
4º Estrato	53,1	15,4	96,6	10,9	1,1
5º Estrato	62,5	12,5	97,9	8,3	-
TOTAL GERAL	34,8	8,3	88,7	5,2	10,0

termina a utilização da água de outras origens pelas famílias mais pobres.

Assim, a Tabela 41 especifica as outras origens da água utilizada, especialmente pelos estratos inferiores. Esses estratos, que não contam em sua grande maioria com ligação domiciliar de água, têm normalmente um poço (perto ou longe de casa) ou uma cacimba no terreno. Estas seriam as origens mais frequentes e mais comuns da água utilizada pelos grupos mais pobres.

No entanto, também é típico dos estratos mais pobres o uso da torneira pública e da cacimba fora do terreno, embora limitadamente.

Como se pode observar ainda a partir da Tabela 41, nos níveis de renda mais altos também é frequente o uso da água de poço, localizando-se ele perto da casa. Esta seria a alternativa para aquelas famílias que não dispõem de água proveniente da rede geral.

Em termos de qualidade da água, medida pelo seu tratamento laboratorial, pode-se dizer que apenas a água da rede geral (35,1%) e de torneira pública (3,4%) podem ser consumidas sem restrições. As demais origens da água são suspeitas, sendo difícil garantir pela sua qualidade, a não ser quando fervida ou filtrada. Mas esse aspecto não chegou a ser investigado na pesquisa. Observa-se na RMF, no entanto, uma ampliação do serviço de abastecimento de água, medida pela construção de uma infra-estrutura maior de distribuição.

Em termos de esgoto-sanitário, apenas 8,3% dos domicílios estão ligados à rede geral (Tabela 40). São novamente os dois estra -

Tabela 41

Origem da água utilizada pelas famílias segundo níveis de renda

NÍVELS DE RENDA FAMILIAR (Cr\$)	TOTAL		ORIGEM DA ÁGUA UTILIZADA																	
			Ligação Domiciliar		Torneira Pública		Cisterna		Poço Perto de Casa		Poço Longe de Casa		Rio ou Açude		Cacimba no Terreno		Cacimba Fora do Terreno		Outro	
até 393	6	100,0	-	-	-	1	16,7	2	33,3	-	2	33,3	-	-	1	16,7				
394 - 786	24	100,0	3	12,5	1	4,2	1	4,2	6	25,0	5	20,8	1	4,2	4	16,7	2	8,3	4	16,7
787 - 1 178	56	100,0	5	8,9	5	8,9	2	3,6	20	35,7	13	23,2	-	-	7	12,5	2	3,6	2	3,6
1 179 - 1 573	47	100,0	9	19,1	4	8,5	2	4,3	10	21,3	7	14,9	-	-	12	25,5	3	6,4	-	-
1 574 - 1 967	37	100,0	8	21,6	4	10,8	-	-	9	24,3	6	16,2	-	-	5	13,5	-	-	5	13,5
1 968 - 2 360	39	100,0	8	20,5	1	2,6	-	-	8	20,5	12	30,8	-	-	7	17,9	2	5,1	1	2,6
2 361 - 3 147	68	100,0	22	32,4	2	2,9	3	4,4	23	33,8	4	5,9	-	-	8	11,8	2	2,9	4	5,9
3 148 - 3 934	43	100,0	15	34,9	1	2,3	-	-	13	30,2	3	7,0	-	-	7	16,3	4	9,3	-	-
3 935 - 4 720	29	100,0	12	41,4	-	-	-	-	12	41,4	2	6,9	-	-	3	10,3	-	-	-	-
4 721 - 7 871	75	100,0	40	53,3	-	-	2	2,7	24	32,0	4	5,3	-	-	5	6,7	-	-	-	-
7 872 - 11 807	42	100,0	25	59,5	-	-	1	2,4	10	23,8	2	4,8	-	-	3	7,1	1	2,4	-	-
11 808 - 23 615	54	100,0	31	57,4	-	-	2	3,7	12	22,2	2	3,7	-	-	7	13,0	-	-	-	-
23 616 e mais	15	100,0	10	66,7	-	-	-	-	2	13,3	-	-	-	-	2	13,3	1	6,7	-	-
TOTAL GERAL	535	100,0	188	35,1	18	3,4	13	2,4	150	28,0	62	11,6	1	0,2	72	13,5	17	3,2	14	2,6

Obs: 1) O salário mínimo em Fortaleza era de Cr\$ 786 no momento da pesquisa.

2) Esta tabela faz parte de uma publicação anterior, onde existem 15 famílias a mais.

tos mais ricos que detêm o maior acesso a este serviço, enquanto que os demais representam reduzidíssimos percentuais.

Este serviço é muito precário, significando ainda um desafio para o futuro. A pouca expressividade da cifra deve-se não só aos obstáculos financeiros de implantação dessa infra-estrutura domiciliar, como ao baixo poder aquisitivo das pessoas na área mais suburbana.

Detalhando um pouco mais a informação, a Tabela 42 apresenta diversos tipos de esgoto, onde sobressaem especialmente a fossa séptica (45,5% dos domicílios) e a fossa comum (35,3% dos domicílios). Buraco e terreno baldio representam o tipo de esgotamento utilizado por 10,3% dos domicílios.

Observa-se que nos domicílios onde os níveis de renda familiar são baixos - digamos até dois ou três salários mínimos -, o uso de fossa séptica não é muito comum. Tais domicílios utilizam-se prioritariamente da fossa comum, vindo a seguir buraco e terreno baldio. Portanto, tipos de esgotamento bastante precários, além de potencialmente nocivos à saúde da população.

Já nas famílias de maior nível de rendimento domiciliar as condições sanitárias parecem substancialmente melhores, na medida em que a fossa séptica é um recurso tão suficiente e qualitativo como a ligação do domicílio à rede geral de esgoto. Pode-se perguntar, inclusive, se não é mais estratégico economicamente para o Governo da região e para a população instalar fossas sépticas nos domicílios ao invés de implantar uma rede geral de esgoto, que exige maiores recursos nem sempre disponíveis.

Tabela 42

Tipo de esgoto utilizado pelas famílias, segundo níveis de renda

NÍVEIS DE RENDA FAMILIAR (Cr\$)	TOTAL	TIPO DE ESGOTO				
		Rede Geral	Fossa Séptica	Fossa Comum	Buraco	Terreno Baldio
Até 393	6 100,0	-	1 16,7	3 50,0	-	3 33,3
394 - 786	24 100,0	1 4,2	4 16,7	14 58,3	5 20,8	-
787 - 1 178	56 100,0	-	8 14,3	34 60,7	6 10,7	8 14,3
1 179 - 1 573	47 100,0	2 4,3	16 34,0	24 51,1	2 4,3	3 6,4
1 574 - 1 967	37 100,0	1 2,7	12 32,4	14 37,8	1 2,7	9 24,3
1 968 - 2 360	39 100,0	4 10,3	9 23,1	22 56,4	1 2,6	3 7,7
2 361 - 3 147	60 100,0	5 7,4	26 38,2	27 39,7	3 4,4	7 10,3
3 148 - 3 934	43 100,0	2 4,7	19 44,2	19 44,2	-	3 7,0
3 935 - 4 720	30 100,0	4 13,3	19 63,3	6 20,0	-	1 3,3
4 721 - 7 871	75 100,0	12 16,0	44 58,7	19 25,3	-	-
7 872 - 11 807	42 100,0	4 9,5	36 85,7	2 4,8	-	-
11 808 - 23 615	54 100,0	9 16,7	39 72,2	5 9,2	-	1 1,9
23 616 e mais	15 100,0	4 26,7	11 73,3	-	-	-
TOTAL GERAL	536 100,0	48 8,9	244 45,5	189 35,3	16 3,4	37 6,9

CES: 1) O salário mínimo em Fortaleza era de Cr\$ 786 no momento da pesquisa.

2) Esta tabela faz parte de uma tabulação anterior, onde existem 15 famílias a mais.

A infra-estrutura domiciliar mais abundante é a eletricidade: 88,7% dos domicílios são atendidos por esse serviço (Tabela 40). Enquanto a partir do 3º estrato a quase totalidade dos domicílios têm luz elétrica, no 1º e 2º estratos um percentual relativamente maior precisa utilizar-se de outro tipo de iluminação.

A Tabela 40 ainda apresenta mais duas outras informações interessantes. Em primeiro lugar, domicílios que contam com água e esgoto da rede geral, e com luz elétrica. Apenas 5,2% dos 520 domicílios teriam estes três serviços conjuntamente. É claro que pesa aí o esgoto da rede geral. Se incluíssemos os domicílios com fossa séptica, mais água e luz, teríamos certamente um número bem maior de domicílios, especialmente nos estratos mais altos.

Em segundo lugar, temos os domicílios que não dispõem de nenhum destes serviços: são 10% sobre o total. Percebe-se como esta condição é principalmente do 1º estrato - 38,8% dos 49 domicílios.

8.2. Informações sobre Habitação

Não dispomos de informações sobre a qualidade da habitação, medida por seu estado de conservação, espaço segundo o número de moradores, higiene e limpeza, etc. Mas a habitação, sem dúvida alguma, é uma condição necessária para o bem estar da família. Sua insuficiência é um sintoma claro de que as pessoas sofrem carências de um alojamento satisfatório para que proporcione precisamente o bem-estar necessário.

Também não dispomos de qualquer dado sobre o déficit quan

titativo de habitações na RMF. Mas sabe-se, de antemão, que esse déficit é razoável e afeta especialmente a população de baixo poder aquisitivo, para a qual uma habitação confortável é praticamente impossível, para não dizer totalmente impossível.

Os dados de que dispomos, no entanto, revelam a condição da ocupação do domicílio; os gastos com aluguel; os gastos na aquisição de casa ou terreno; e a necessidade ou não de financiamento para a aquisição da moradia.

Assim, a Tabela 43 informa sobre a condição da ocupação dos domicílios, sem qualquer especificação sobre a natureza da habitação; isto é, se se trata de casa (durável ou rústica), de apartamento, de barraco, ou outra. Do total de domicílios, 66% são próprios - sem especificação de totalmente pagos ou em aquisição -; 29,6 % são alugados e 4,4% são cedidos.

Especialmente no 3º e 4º estratos - que podem ser considerados médios -, verifica-se um número relativamente maior de domicílios alugados, o que parece ser típico de estratos médios. Esses, talvez por se encontrarem precisamente numa faixa de transição, optam pelo aluguel como forma mais apropriada de morar, podendo realizar então outros investimentos que os permitam conservar seu status e estrato. Mesmo assim, ainda 60% das famílias moram em casa própria, o que revela a sua grande função social, qual seja, a de proporcionar conforto e bem-estar familiar.

No 1º, 2º e 5º estratos observamos percentuais maiores de famílias que têm casa própria, podendo-se dizer, no entanto, que as condições de vida são bastante diferentes entre estes estratos. Além

Tabela 43

Distribuição das moradias segundo a condição da ocupação e por estratos

Estratos	Total		Distribuição das casas		
	NºS abs.	%	próprias	alugadas	cedidas
1º Estrato	49	100,0	81,6	16,3	2,1
2º Estrato	114	100,0	68,4	24,6	7,0
3º Estrato	134	100,0	61,9	31,4	6,7
4º Estrato	175	100,0	60,6	37,1	2,3
5º Estrato	48	100,0	75,0	22,9	2,1
Total Geral	520	100,0	66,0	29,6	4,4

da própria qualidade da moradia, interferem outros aspectos de ordem sócio-cultural, como o nível e a capacidade da família de conservá-la em boas condições. Fica patente, todavia, a importância da casa própria para estes estratos, não só como forma de fugir aos aluguéis normalmente altos, mas também porque significa um patrimônio de difícil aquisição e que proporciona mais tranquilidade para morar.

Como vimos na Tabela 43, aproximadamente 30% das 520 famílias moram em casas alugadas. A Tabela 44 nos proporciona uma visão dos gastos destas famílias com aluguel, numa visão dupla; isto é, em termos do gasto médio mensal e do comprometimento da renda familiar com o aluguel.

Sem dúvida alguma, através do gasto médio mensal familiar com aluguel podemos determinar a qualidade da habitação alugada. Isto é, podemos estabelecer uma relação direta entre o montante disponível e pago pelo aluguel e o tipo e a qualidade da habitação.

Dessa forma, os dados poderiam revelar que os dois primeiros estratos não têm as mesmas condições de habitabilidade em relação aos demais estratos. Isso permite uma tipificação das casas alugadas, mais ou menos da seguinte forma:

- a) habitações mais precárias (1º e 2º estratos);
- b) habitações mais ou menos habitáveis (3º estrato);
- c) habitações mais habitáveis (4º e 5º estratos).

Esse esquema de tipificação é muito simples, e necessitaria ser melhor aprofundado, para que não se caia em generalizações grosseiras e errôneas.

Tabela 44

Gastos mensais das famílias que pagam aluguel
segundo os estratos

	Famílias que pagam aluguel			
	Renda familiar destas famílias (Cr\$ 1,00 (A))	Gastos mensais em aluguel desta família (Cr\$ 1,00 (B))	B/A (%)	Gasto médio por família (Cr\$ 1,00)
1º Estrato	5 978	910	15,2	114
2º Estrato	40 549	5 735	14,1	205
3º Estrato	130 697	19 183	14,7	457
4º Estrato	456 880	60 186	13,2	926
5º Estrato	179 162	16 680	9,3	1 516
TOTAL GERAL	813 226	102 694	12,6	667

Um aspecto muito visível e que sobretudo revela o peso dos alugueis sobre os rendimentos familiares, é o montante de renda comprometido para morar em casa alugada. Esse comprometimento é maior nos estratos mais baixos, o que revela, insofismavelmente, que além de morar mal, paga-se relativamente mais do que nos outros estratos.

No total geral, 12,6% de toda a renda familiar das famílias que alugam casa destina-se para essa finalidade. O estrato mais pobre compromete-se financeiramente mais, em termos relativos, para morar (15,2% da renda familiar), e o estrato mais rico compromete-se menos: 9,3% da renda familiar.

Passando para a dimensão da casa própria (Tabela 45), percebe-se que das 343 famílias (Tabela 43) que estão nesta situação, 118 delas (ou seja, 34,4%) precisaram de financiamento para comprá-la. O financiamento poderia ser obtido através do BNH, da CEF ou de outras fontes (cooperativas, p.ex).

É interessante observar, em primeiro lugar, que o número relativo de famílias com casa própria e que precisaram de algum financiamento para adquiri-la, aumenta de acordo com os estratos, sendo exceção apenas o primeiro. Isto é, nos estratos mais ricos existiriam relativamente mais famílias que precisaram recorrer a empréstimos para comprar a sua casa, fato este muito interessante, e que pode ser explicado pela maior facilidade de crédito a estes estratos. Os estratos mais pobres seriam inviáveis economicamente.

Das 118 famílias proprietárias de moradia, 39% compraram-na através do BNH - Banco Nacional da Habitação; 12,7% precisaram

Tabéla 45

Famílias proprietárias de moradia que precisaram de algum financiamento para adquiri-la, segundo os estratos

ESTRATOS	TOTAL			FAMÍLIAS PROPRIETÁRIAS DE MORADIA (%)		
	% S/O TOTAL DE FAMÍLIAS QUE TEM CASA PRÓP. NO ESTRATO	NºS	%	QUE PRECISARAM DE FINANCIAMENTO DO BNH	QUE PRECISARAM DE FINANCIAMENTO DA CEF	QUE PRECISARAM FINANCIAMENTO DE "OUTRAS FONTES" (*)
1º Estrato	30,0	12	100,0	25,0	-	75,0
2º Estrato	20,5	16	100,0	43,7	-	56,3
3º Estrato	32,5	27	100,0	40,7	7,4	51,9
4º Estrato	42,5	45	100,0	40,0	15,6	44,4
5º Estrato	50,0	18	100,0	38,9	33,3	27,8
TOTAL GERAL	34,4	118	100,0	39,0	12,7	48,3

(*) Exclui BNH e CEF

do financiamento da CEF - Caixa Econômica Federal, e 48,3% recorreram à outras fontes de financiamento.

Com exceção do 1º estrato, em todos os demais, existe um acesso bastante igualitário à algum dos programas do BNH. No caso específico do 1º estrato, percebe-se que ele é bastante inviável economicamente para se utilizar dos recursos do BNH ou da CEF para a obtenção de casa própria.

Embora o BNH esteja ampliando o número de financiamentos habitacionais destinados às famílias de baixa renda, ainda é visível o menor acesso destas famílias, mesmo porque existe um limite financeiro intransponível que o BNH ainda não conseguiu resolver sem praticar uma política paternalista de doação. Daí, também, esses estratos recorrerem à outras formas de financiamento, possivelmente mais caras.

O 2º estrato ainda não é totalmente viável; o que se pode concluir a partir da não utilização de financiamentos da CEF, em geral mais caros que o BNH.

O 3º e 4º estratos detêm uma situação bastante semelhante sob todos os aspectos. Mas é no 5º que se percebe um acesso homogêneo às diversas formas de financiamento de moradia própria, o que poderia significar a facilidade de obtê-lo pelo reconhecimento da garantia do pagamento da prestação mensal. Em outras palavras, é o estrato em melhores condições de pagar as prestações.

É verdade, também, que o montante relativo de renda comprometido na aquisição da casa própria e/ou terreno pelos estratos

mais pobres é maior do que nos mais ricos (Tabela 46), sendo exceção o 5º estrato que compromete, em termos relativos, praticamente o mesmo que o 2º estrato. O significado desta renda, no entanto, é diferente para os diversos estratos, pesando, muito mais, sem dúvida alguma, nos inferiores.

Mas também é verdade que são pouquíssimas as famílias pobres que compraram casa e/ou terreno, precisamente pela impossibilidade de o fazê-lo.

Já a partir do 3º estrato o número de famílias que no momento pagam casa e/ou terreno aumenta: 12,1% das famílias do 3º estrato; 18,9% do 4º e 27,1% do 5º estrato.

Em suma, o quanto os dados permitem, é possível dizer que a questão habitacional é um problema estrutural, profundamente dependente dos níveis de renda familiar. Ou, do montante disponível para ser comprometido na sua aquisição. Daí a necessidade de se proporcionar melhores condições de acesso à renda, na medida em que o acesso à habitação, e à outros bens, dela dependem amplamente.

8.3. Previdência Social

A única tabela disponível para alguns comentários sobre previdência social é a de número 47. Ela nos informa sobre o número de famílias onde ninguém tem direito à previdência social; sobre o número de pessoas que têm direito a ela; e sobre o número de famílias as onde alguém recorreu à assistência médica.

Tabela 46

Gastos mensais das famílias que
compraram casa e/ou terreno segundo os estratos

ESTRATOS	TOTAL DE FAMÍLIAS QUE PAGAM PRESTAÇÃO DE CASA E/OU TERRENO (A)	TOTAL DAS RENDAS FAMILIARES DAS FAMÍLIAS QUE PAGAM PRESTAÇÃO DE CASA E/OU TERRENO (CR\$1,00) (B)	TOTAL DAS PRESTAÇÕES MENSIS DE CASA E/OU TERRENO (CR\$1,00) (C)	C/A (CR\$ 1,00)	C/B (%)
1º Estrato	2	1 877	496	248	26,4
2º Estrato	6	12 691	1 762	294	13,9
3º Estrato	21	66 878	7 263	346	10,9
4º Estrato	33	263 128	27 864	844	10,6
5º Estrato	13	229 313	34 078	2 621	14,9
TOTAL GERAL	75	573 887	71 463	953	12,5

Pode-se observar que o grande objetivo de universalização da previdência social está próximo de ser alcançado, na medida em que temos em 91 % das famílias alguém que contribui para o sistema previdenciário. Ou ainda, apenas 18,8% das pessoas que foram objeto desta pesquisa não têm direito à previdência social.

Estes dados, novamente, relacionam-se com os estratos. Isto é, nos inferiores haveria um menor número de famílias e pessoas não enquadradas na previdência social, restando ainda este desafio para o novo órgão previdenciário resolver.

Isto torna-se ainda mais necessário quando observamos o número de famílias onde alguém recorreu à assistência médica, seja do INPS ou de outros institutos e centros ou postos de saúde.

Embora não existam significativas diferenças entre os estratos, com exceção do 5º, são altos os percentuais de famílias onde alguém precisou de assistência médica.

Esses dados são bastante reais, na medida em que cresceu a solicitação por esse tipo de serviço nos últimos anos, sobretudo nas áreas urbanas. As pessoas já procuram espontaneamente o serviço de assistência médica, restando, no entanto, corrigir algumas distorções, como:

- a) a dificuldade de acesso a este serviço por parte da população de baixa renda sem direito à previdência social;
- b) a concentração da oferta destes serviços em locais que não correspondem necessariamente aos mais carentes;
- c) e, o privilegiamento dos serviços mais sofisticados em

Tabala 47

Distribuição das famílias segundo o direito à previdência social por estratos

ESTRATOS	Nº DE PESSOAS QUE TÊM DIREITO À PREVIDÊNCIA SOCIAL		Nº DE FAMÍLIAS ONDE NINGUÉM TEM DIREITO À PREVIDÊNCIA SOCIAL		Nº DE FAMÍLIAS ONDE ALGUÉM RECORREU À ASSISTÊNCIA MÉDICA DO INPS OU DE OUTROS INSTITUTOS E CENTROS OU POSTOS DE SAÚDE (*)	
	NºS ABS.	% SOBRE O TOTAL DE PESSOAS NO EXTRATO	NºS ABS.	% SOBRE O TOTAL DE FAMÍLIAS DO ESTRATO	NºS ABS.	% SOBRE O TOTAL DE FAMÍLIAS NO ESTRATO
1º Estrato	262	78,4	9	18,4	31	63,3
2º Estrato	499	72,1	22	19,3	77	67,5
3º Estrato	557	81,7	8	6,0	90	67,2
4º Estrato	727	87,3	8	4,6	106	60,6
5º Estrato	187	93,5	-	-	17	34,7
TOTAL GERAL	2 226	81,2	47	9,0	321	61,7

(*) Corresponde ao período janeiro/outubro de 1977

detrimento de ações de saúde de mais baixo custo e maior alcance social, particularmente as de caráter preventivo.

Em suma, apesar de todos os esforços na área, deve-se atentar para que a distribuição desses serviços, e de outros também, privilegiem prioritariamente os segmentos populacionais mais vulneráveis e que têm maior dificuldade de acesso a tais serviços.

8.4. Alguns Programas de Política Social

O Governo Federal instituiu uma série de mecanismos de integração social, especialmente voltados para a população de baixa renda. Têm por objetivo inicial a "democratização de oportunidades", como o acesso a certos bens considerados importantes e necessários.

Não é o momento de definirmos o que seja política social ou integração social. Mas quando se pensa em política social, por exemplo, tem-se em mente que ela seja capaz de atuar num quadro de ascensão social vertical e na conseqüente diminuição dos níveis de renda; ao mesmo tempo, que seja capaz de proporcionar oportunidades na área do consumo e do acesso generalizado aos bens e serviços produzidos na respectiva sociedade.

No caso presente deste trabalho, esta questão não foi aprofundada. Apenas três programas de política social foram investigados (Tabela 48), especialmente no que se refere ao acesso que elementos das famílias tiveram a eles. Pode-se aventar a hipótese, por exemplo - sem que se dedique maiores comentários a isso -, de que estes três programas representam rendas indiretas, e que deveriam beneficiar pri

oritariamente a população de baixos rendimentos.

A Tabela 48 mostra, portanto, o acesso de elementos das famílias à merenda escolar; suplementação alimentar e remédios da Central de Medicamentos.

Tornando numa única resposta o acesso regular ou ocasional, temos que em 21,9% das famílias alguém foi beneficiado com merenda escolar. Não temos o número de pessoas beneficiadas, nem o número de vezes em que esse benefício foi concedido. Por isso que se torna difícil avaliar o significado destes programas e seu impacto sobre a população dos estratos inferiores.

Estas observações também são válidas para os demais programas investigados. Portanto, como os dados não estão construídos a partir da ótica dos beneficiários, pouco podem revelar sobre o atingimento da população prioritária.

De qualquer modo, os dados permitem concluir pelo atendimento maior aos dois primeiros estratos, ou, quando muito, aos três primeiros.

O programa menos representativo é a suplementação alimentar, que beneficiou apenas 4,8% do total de famílias.

Dentro da perspectiva de avaliar os programas de política social, as informações deveriam ser apresentadas de modo a permitir uma análise mais qualitativa do seu conteúdo. Somente desta forma poderíamos medir o grau e a intensidade de participação da população prioritária, que é a de baixos rendimentos.

Acesso das famílias à alguns programas de Política Social segundo os estratos

ESTRATOS	TOTAL	Famílias beneficiadas pela Merenda Escolar		Famílias que receberam Suplementação Alimentícia		Famílias que receberam remédios da CEME	
		Regularmente e/ou ocasionalmente	Nunca	Regularmente e/ou ocasionalmente	Nunca	Regularmente e/ou ocasionalmente	Nunca
1º Estrato	49	36,7	63,3	20,4	79,6	63,3	36,7
2º Estrato	114	38,6	61,4	9,6	90,4	41,2	58,8
3º Estrato	134	20,9	79,1	3,0	97,0	29,9	70,1
4º Estrato	175	12,6	87,4	-	100,0	13,1	86,9
5º Estrato	48	4,2	95,8	-	100,0	4,2	95,8
TOTAL GERAL	520	21,9	78,1	4,8	95,2	27,5	72,5